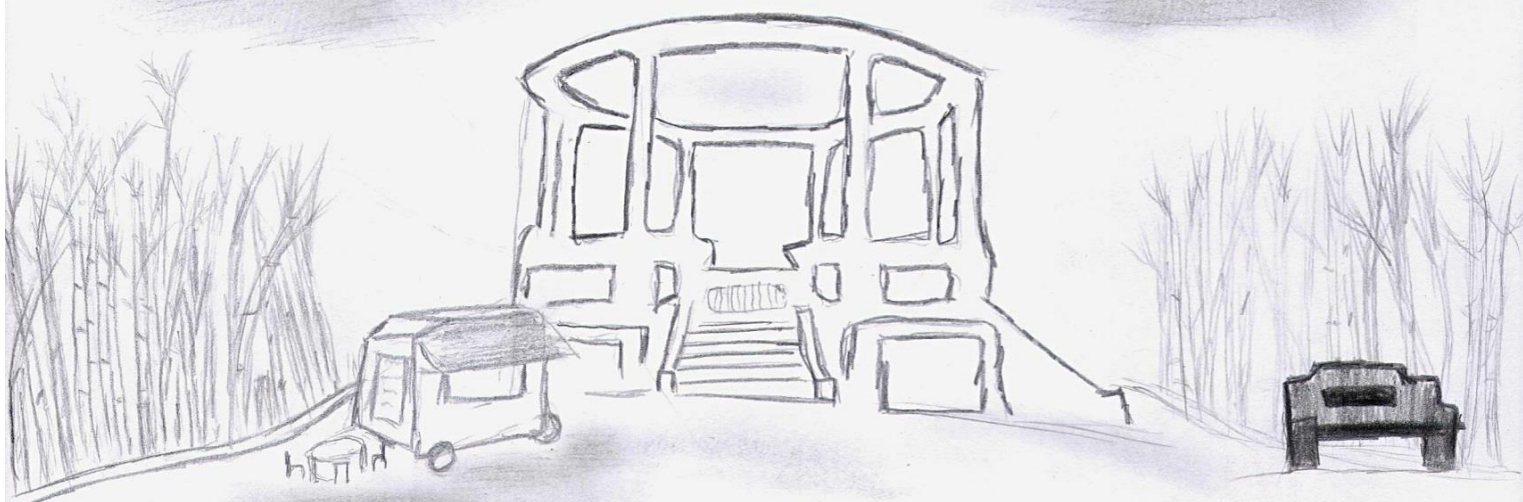
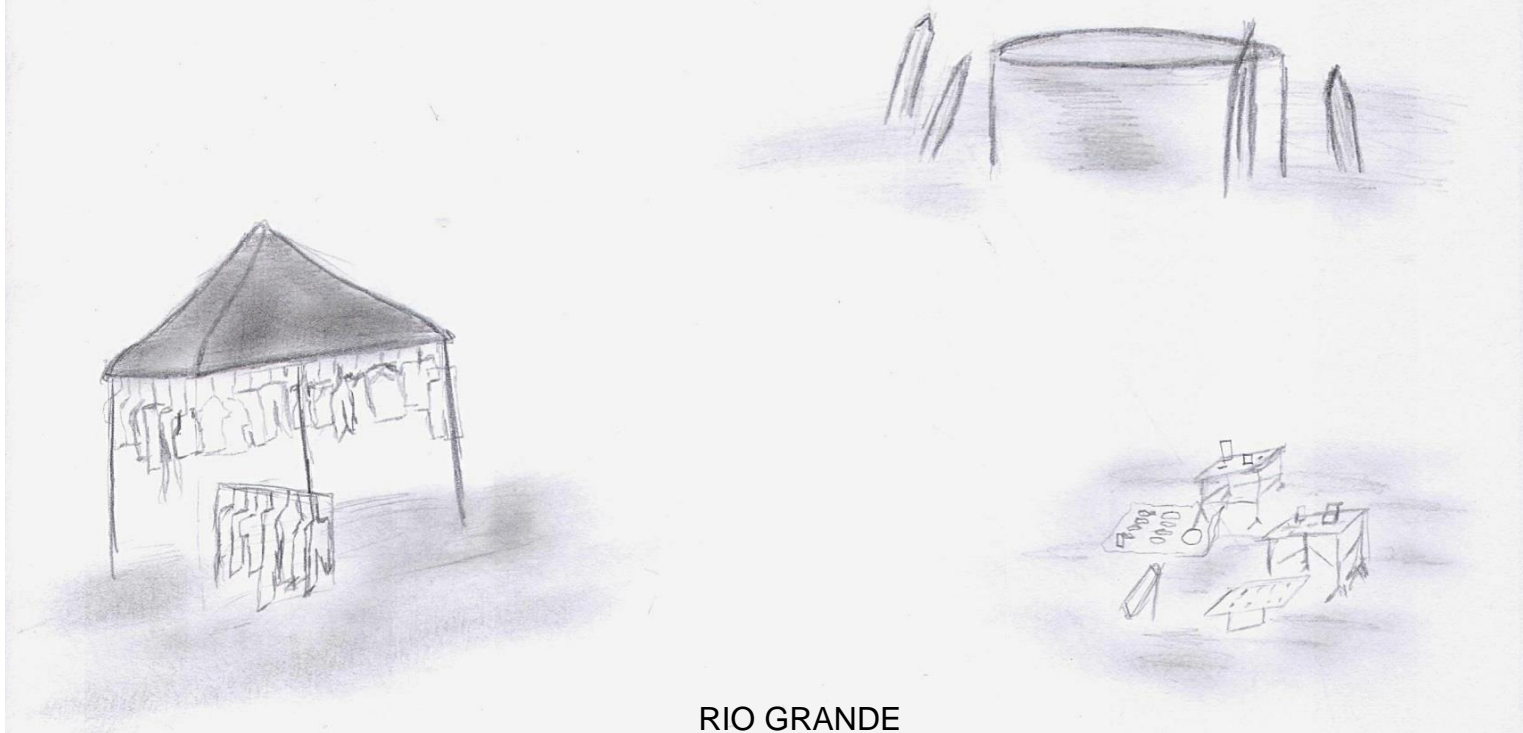


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
CURSO DE ARQUEOLOGIA BACHARELADO

YASMIN ACOSTA DA SILVA



ARQUEOLOGIA DA GERIBANDA:
(RE)EXISTÊNCIAS NO PASSADO-PRESENTE



RIO GRANDE
2018

YASMIN ACOSTA DA SILVA

**ARQUEOLOGIA DA GERIBANDA:
(RE)EXISTÊNCIAS NO PASSADO-PRESENTE**

Monografia apresentada ao Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

RIO GRANDE
2018

Capa: Desenho feito, com muito carinho, pela minha amiga Deliéle Leiva Botelho a partir do logotipo do “Programa de Salvamento Arqueológico na área de colocação de plataforma de embarque e desembarque de passageiros do Transporte Urbano Municipal de Rio Grande/RS” desenvolvido pela Ingrid Guimarães Cornaquina.

YASMIN ACOSTA DA SILVA

**ARQUEOLOGIA DA GERIBANDA:
(RE)EXISTÊNCIAS NO PASSADO-PRESENTE**

Monografia apresentada ao Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Beatriz Valladão Thiesen – Universidade Federal do Rio Grande

Profa. Dra. Cassiane de Freitas Paixão – Universidade Federal do Rio Grande

Profa. Dra. Louise Prado Alfonso – Universidade Federal de Pelotas

Dedico esta pesquisa à minha família, formada por três mulheres, que tanto se orgulharam e incentivaram minha trajetória na universidade pública e que, através de seus impostos, a mantiveram gratuita e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Bia, por me acolher, com seu coração de mãe, quando parecia que as coisas podiam não dar tão certo para mim. Obrigada pelo carinho e paciência, pelas aulas e conversas inspiradoras, pois é isso que fazes: me inspiras!

A equipe do Projeto de Extensão “Entre Vozes e Ecos: uma Arqueologia do cotidiano da Praça da Geribanda”: Adara Guimarães de Souza, Alice da Conceição Teixeira, Ana Claudia Albuquerque, Antonielle Ferreira Cardoso, Eliana Amorim, Fabiana Chagas Moreira, Gabriel Loterio Marques, João Pedro Machado, Lindaiara Virgulino Toneli, Sabrina Mattos da Silva, Tamires Carolina Campos, Vanessa Avila Costa, Yasmin Salau Jobim e Yure Delabary Dutra, por toparem participar desse projeto comigo e com a Professora Bia. Suas contribuições em cada atividade do Projeto tornaram esta pesquisa possível. Obrigada pela dedicação. Encontro vocês do lado de cá.

Quem é a tua luz? Quando o desespero bate, para quem tu “corre” para mandar um áudio no *WhatsApp*? Eu tenho algumas luzes – e grupos no *WhatsApp*: *Bad Girls*, *Gatinhas do Liber* e *Lattes que eu tô passando*, onde encontrei conforto e esperança para seguir, onde partilho minha vida e sou muito bem vinda. A vocês, minhas amoras e amores, toda minha gratidão. Obrigada por torcerem tanto por mim. Vejo vocês na defesa!

Em especial, as minhas amigas Adara e Vanessa, por contribuírem com cada vírgula desta pesquisa. Obrigada por todas as vezes que me ouviram, acolheram e me acalmaram. Obrigada, também, por acreditarem em mim incansavelmente.

Ao Brendon, por ser meu incentivador (e amor nas horas vagas) desde meu primeiro dia de aula e por ser bom no AutoCad (e em outras mil coisas).

A minha gata Kiara, por sua fiel companhia, dormindo em cima de cada centímetro de papel ao meu redor, além de contribuir com a digitação *jhgklou85rf* deste texto.

As professoras, professores e colegas do curso de Arqueologia, por contribuírem na minha formação acadêmica e pessoal. Se hoje busco minha melhor versão como Arqueóloga é graças a vocês e nossas trocas.

A minha grande família, por se alegrar com minhas conquistas e apoiar minha trajetória na universidade pública (que está só começando). Vejo vocês na formatura!

Nuances de dia

Todos os dias
ele observa o Coreto
algumas voltas na praça
entre as árvores e os bambuzais

Com as mãos no bolso
Esse senhor observa as cenas
de amor
de raiva
de medo
cenas do cotidiano.

Ele fez parte dessa cena por anos,
mas hoje, é apenas um observador.

Quando o amor se vai,
fica apenas a saudade
e o lugar dela
é aqui.

Nuances de noite

Já não existe mais o sol
Os automóveis circulam pouco
A vida cotidiana é silêncio
O que ouço é o balbuciar da noite.

É aquela moça que não pode ser ouvida
Fazendo sua poesia noturna
Compondo essa história
Escrevendo essas linhas tensas.

Quando a luz se vai
fica apenas essa moça
e o lugar dela
é aqui.

Aline Bastos Mendes

RESUMO

É bem simples, a segunda metade do século 19 foi caracterizada, entre outras coisas, pelas intensas transformações na urbe e suas/seus habitantes, legitimadas pela cientificidade deste mesmo século, com o intuito de “limpar” e/para “ordenar”. A partir dessa compreensão, procurei entender, nesta pesquisa, de que modo o espaço da atual Praça Tamandaré (Rio Grande/RS) foi pensado e reconfigurado no século 19 pela elite riograndina, ocasionando a exclusão de grupos sociais e a invisibilização de outros passados. Para realizar o estudo, utilizei os relatórios da Câmara Municipal do Rio Grande e fotografias do final do século 19 e início do 20. A fim de trazer o estudo para o contemporâneo, analisei os discursos do atual Projeto de Revitalização da Praça Tamandaré através da ATA Nº. 12/2017 da mesma Câmara Municipal. Consegui perceber que as boas intenções de revitalizar a Praça de novo trazem à tona práticas excludentes que, através de um pensamento higienista, transformaram a Geribanda em Praça Tamandaré. Ademais, procurei perceber a luta de grupos excluídos pela sua permanência na Praça, e a forma como ainda seguem resistindo através de um manifesto.

Palavras-chave: Praça da Geribanda; Praça Tamandaré; revitalização; Arqueologia do Contemporâneo; gentrificação.

ABSTRACT

It is quite simply, the second half of the 19th century was characterized, among other things, by the intense transformations in the city and its inhabitants, legitimized by the scientificity of the same century, in order to "clean up" and/to "order". From this understanding, I tried to understand, in this research, how the space of the current Tamandaré Square (Rio Grande/RS) was thought and reconfigured in the 19th century by the riograndina elite, causing the exclusion of social groups and the invisibility of other pasts. To carry out the study, I used the reports of the Rio Grande City Hall and photographs from the late 19th and early 20th centuries. In order to bring the study to the contemporary, I analyzed the discourses of the current Tamandaré Square Revitalization Project through ATA N^o. 12/2017 of the same City Council. I was able to see that the good intentions of revitalizing the square again bring to the bottom, exclusionary practices that, through hygienist thinking, turned Geribanda into Tamandaré Square. In addition, I tried to understand the struggle of excluded groups for their stay in the square, and the way they are still resisting through a manifesto.

Keywords: Geribanda Square; Tamandaré Square; revitalization; Contemporary Archeology; gentrification.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Planta da Vila do Rio Grande de São Pedro do Sul (1829)	19
Figura 2 - Vista aérea da Praça com coordenadas via Google Earth.....	20
Figura 3 - Chafariz adquirido pela Companhia Hidráulica Rio Grandense com o Hospital da Beneficência Portuguesa ao fundo (meados do século 20)	22
Figura 4 - Coreto da Praça Tamandaré (década de 1940).....	23
Figura 5 - Barracas do comércio ambulante na Praça em meados de 1990.....	25
Figura 6 - Funcionários da Praça mostrando fragmentos encontrados na área dos coelhos (2015).....	31
Figura 7 - Poços de captação de água na Praça da Geribanda (após 1842).....	36
Figura 8 – Obras na Praça em 1895 (vista para a atual Rua General Vitorino)	37
Figura 9 - Obras na Praça em 1895 (vista para atual Rua Luiz Lorea)	37
Figura 11 – Deu ruim no <i>Locus A</i> (escavação na Praça 2014/2015)	39
Figura 10 - Provável cacimba no <i>Locus A</i> (próximo ao monumento do Bento Gonçalves)	39
Figura 12 - Chafariz da Praça da Geribanda.....	40
Figura 13 – Planta baixa com provável localização dos poços da figura 8	42
Figura 14 - Vista da provável área dos poços	43
Figura 15 - Mini Zoológico com a fonte de água no centro	44
Figura 16 – Vidro lascado encontrado da Geribanda	47
Figura 17 - Metacarpo bovino encontrado na Geribanda	47
Figura 18 – Cartão Postal da Praça (cercada) em 1905	49
Figura 19 - Praça nos princípios do século 20	51
Figura 20 – Intervenção na Praça (setembro 2018)	54
Figura 21 – Brechó beneficente no coreto da Praça em 2008	56
Figura 22 - Brechós beneficentes na volta do coreto em 2018	57
Figura 23 - Carrocinhas da Geribanda	57
Figura 24 – Ilustração em aquarela.....	59
Figura 25 – Corredor principal de taquaras da Geribanda	64
Figura 26 - lansã no bambuzal.....	64
Figura 27 - oferenda nas taquaras	65
Figura 28 - Planta baixa da Praça com o levantamento dos canteiros de taquaras..	66
Figura 29 - Canteiro de taquaras no início do século 19	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A CIDADE IDEAL: PARA QUEM?.....	17
1.1 Os primeiros passos da cidade.....	17
1.2 Para sempre Praça da Geribanda	19
2. POR UMA ARQUEOLOGIA DO CONTEMPORÂNEO.....	26
2.1 Sempre foi assim, mas não é “normal”!	26
2.2 “O passado não reconhece o seu lugar; está sempre presente.”	27
2.3 Para que não se esqueça. Para que nunca mais aconteça.....	32
3. A PRAÇA É NOSSA?.....	35
3.1 Cavaram-se poços.....	35
3.2 Deos guarde a Vossa Senhoria	44
3.3 Para onde vão as pessoas pobres?	51
3.4 A Matriz.....	54
3.5 Manifesto das (re)existências	69
3.5.1 Posso te contar uma história?	69
3.5.2 Uma Pseudo Exposição	73
(RE)EXISTIR: CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXOS	87

INTRODUÇÃO

A escolha da Praça da Geribanda¹ como elemento principal de pesquisa foi minha primeira opção. Mas como no quesito indecisão minha nota é 10, mudei. Mudei. E voltei. Eu tenho poucas lembranças da minha infância na cidade, mas muitas delas são naquela Praça. A alegria de poder soltar a mão da vó Marli e subir correndo no coreto, alimentar os animais que ali viviam e correr atrás das pombas, brincar na pracinha e subir nos leões para tirar foto. Na Praça também aconteceu minha primeira vez... Primeira vez escavando. Me encantei com sua verdadeira história. Hoje vejo beleza onde quase ninguém vê e é por isso que estou aqui, falando sobre ela.

Também escolhi, de uma vez por todas, trabalhar com a Praça quando soube que iriam revitalizá-la de novo. Desde 2016, seu ano de criação, – pouquíssimo² – se sabe sobre o Projeto de Revitalização da Praça Tamandaré, eu mesma fiquei sabendo em dezembro de 2017 – bem na época da defesa de TCC de duas amigas (Adara e Vanessa). Suas pesquisas se baseavam no contexto da virada do século 19 para o 20 e me fizeram refletir sobre a relação da atual revitalização com um antigo projeto que estruturou o Bairro Cidade Nova, e foi responsável pelo varrimento de subalternizados do centro da cidade, dada a preocupação das elites com o aformoseamento e a modernização (COSTA, 2017).

Como me era familiar a história da Geribanda, ainda no contexto citado acima, logo pensei: Para onde foram as pessoas pobres³? Hoje, ela é um dos lugares mais movimentados do centro da cidade de Rio Grande. Por ela passam milhares de pessoas por dia, a maioria usa somente como um atalho, já que nela estão situadas as plataformas de embarque e desembarque do transporte público. Além de ser um espaço com fluxos constantes também é um lugar de permanência. É de lá que muitas pessoas sustentam suas casas. São carrocinhas de comidas, lanchonetes, comércio ambulante, barbearias, estúdio fotográfico, brechós,

1 Oficialmente conhecida como Praça Tamandaré.

2 Digo pouquíssimo, pois são raras as notícias em plataformas de maior acesso (internet, TV aberta e rádio).

3 Uso “pobres” na perspectiva de Pesavento (1994) em “Os pobres da cidade (vida e trabalho – 1880-1920)”.

sorveteria, quiosque de ervas, bancas de revistas, casa de artesanato e entre outros artigos – eu mesma, juntamente com colegas, vendi livros usados para arrecadar dinheiro e apresentar um trabalho acadêmico em outro país.

Tomando a Praça como um estudo de caso do fenômeno que reordena o Município de Rio Grande, entre o final do século 19 e início do 20, estudarei, portanto, **como** o espaço da Praça Tamandaré foi pensado, naquele período, pela elite riograndina, como ele foi reconfigurado, provocando a exclusão de grupos sociais e a invisibilização de outros passados, bem como, através de que discursos essa elite legitima este processo. Além disso, buscarei perceber a luta de grupos excluídos pela sua permanência na Praça, e a forma como ainda seguem resistindo.

Logo, começo este trabalho me questionando: como as pessoas (re)existem na Praça no passado-presente, pessoas essas que estão lá, desde sempre, lutando contra os processos que visam a sua exclusão? De que forma se estabelece essa exclusão? A Praça Tamandaré do presente é a Praça da Geribanda do passado?

Como bem aponta Funari (2013), os movimentos sociais e as transformações políticas – desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – passaram a modificar, profundamente, a Arqueologia, que não deixou de responder aos novos tempos e se tornou parte dos estudos das relações de poder a partir das coisas, mantendo sua centralidade do estudo do mundo material. Para o autor, incorporaram-se, também, “os aspectos sociais e de poder, das desigualdades e conflitos, para propor uma disciplina menos distante das pessoas e mais útil tanto aos indivíduos, como às coletividades” (FUNARI, 2013, p. 23).

Todavia, durante uma oficina, ministrada pela Professora Louise Alfonso, foi discutido sobre o quanto a Arqueologia pode reforçar na invisibilidade de comunidades no tempo e espaço, a partir de projetos/estudos que focam em determinada temporalidade sem refletir as continuidades e presença destes grupos ao longo do tempo (ALFONSO, 2017, no prelo)⁴. O que me fez pensar que as

4 Apresentação em PowerPoint da oficina “Método Etnográfico em Contexto Urbano”, ministrada pela Professora Dra. Louise Prado Alfonso (UFPel), durante o I Ciclo de Oficinas da Arqueologia (FURG). Cedida pela autora.

nossas pesquisas não são inocentes, mas são criações carregadas de intensões políticas e pessoais⁵.

Em contra partida, podemos propor projetos que pensem a Arqueologia a partir de sua relação com o presente (ALFONSO, 2017, no prelo). Para González-Ruibal (2006), devemos, enquanto Arqueólogas(os), aproveitar essa mistura de tempos e coisas, memórias e povos, “mergulhando em multiplicidades temporais, em vez de impor divisões radicais e insustentáveis, congelando Outros no tempo e apagando o que não se encaixa facilmente dentro de nossos esquemas lineares” (Ibid., p 115). Sendo assim, concordo com Tramasoli (2017, p. 206-207) ao dizer que nos resta

então, é ter ciência de que somos problematizadores[as] que encontram na materialidade uma possibilidade de entender a vida social e que, como tais, devemos estar atentos às potencialidades que as coisas nos oferecem enquanto elementos dignos em si mesmos, de provocar, de incitar, de lembrar.

Para auxiliar na elaboração desta pesquisa e contribuir com o acréscimo de oportunidades de Estágio de Campo Obrigatório⁶, a Professora Beatriz Thiesen e eu, propusemos a criação de um projeto que uniria o útil ao agradável. Sendo assim, desenvolveu-se, vinculado ao *Liber Studium* – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (FURG), o Projeto Geribanda, oficialmente conhecido como Projeto de Extensão “Entre Vozes e Ecos: uma arqueologia do cotidiano da Praça da Geribanda”. Vale salientar que pesquisas arqueológicas são realizadas na Praça desde 2014, através do “Programa de Salvamento Arqueológico na área de colocação de plataforma de embarque e desembarque de passageiros do Transporte Urbano Municipal de Rio Grande – RS” coordenado pela Profa. Beatriz Thiesen. O Projeto Geribanda visava, entretanto, dar continuidade ao trabalho feito com as(os) usuárias(os) da Praça que o Programa já desenvolvia.

Os métodos para alcançar o estudo proposto se constituíram não necessariamente nessa ordem e com ajuda da equipe do Projeto Geribanda, da seguinte forma: procuramos nos relatórios da Câmara Municipal do Rio Grande (entre 1847 e 1903), disponíveis no acervo do *Liber Studium* (FURG) e nos anexos

5 É até sarcástico falar disso, visto que, neste ano, dentre os TCC's defendidos nesta Universidade, entre outros, há o meu e outro que enaltece o “ícone histórico” General Bento Gonçalves da Silva, bem como seu monumento-túmulo.

6 Disciplina obrigatória do Quadro de Sequência Lógica (QSL) do curso de Arqueologia da FURG.

da monografia de Costa (2008) por menções à Praça da Geribanda/Praça Tamandaré para entender sua formação, bem como os discursos precursores. Utilizei as fotografias antigas da Praça, disponíveis na Fototeca Municipal Ricardo Giovannini e no acervo digital fotográfico do *Liber Studium* (FURG), para me auxiliar nas percepções de uma cultura material que, em sua maioria, não existe mais.

De acordo com Thiesen (2009, p. 145),

a materialidade da cultura é a via de acesso do arqueólogo a outros aspectos da cultura. Essa materialidade é passível de observação direta em alguns casos, porém, há aqueles vestígios que foram destruídos, que foram efêmeros ou que nunca foram realizados (um projeto, por exemplo).

Ainda segundo Thiesen (2009), parafraseando Bruneau e Balut (1997)⁷, existem duas formas, que se complementam, de ter acesso à cultura material de uma sociedade: a observação direta e a indireta. Dessa forma, os relatórios da Câmara Municipal e fotografias, concebidos, portanto, enquanto uma via de acesso indireta à materialidade, proporcionaram o entendimento das dinâmicas de construção da Praça.

Tratando das observações do presente, que também compreendem a problemática, analisamos a proposta do Projeto de Revitalização da Praça Tamandaré através da ATA da 12ª Audiência Pública - Melhor Utilização da Praça Tamandaré (anexo A) que aconteceu dia 14 de dezembro de 2017 e os slides apresentados na mesma⁸. Saliento que não tive acesso ao Projeto de Revitalização em si, mesmo que solicitado diversas vezes. Além dos dois itens citados, utilizei de notícias/reportagens disponíveis na internet para incrementar a análise.

Outro método abordado neste trabalho foram as observações em campo feitas em parceria com o Projeto Geribanda. Organizamos ações a fim de sensibilizar e provocar a participação voluntária das pessoas (exemplo: “Café Memória: conte sua história”) como propostas para estabelecer diálogos com os diferentes grupos que transitam/frequentam/habitam a Geribanda. Para, então, perceber suas formas de habitar a Praça, assim como ressignificá-la.

Vale ressaltar que, durante a escrita deste texto, irei me referir ao espaço da atual Praça Tamandaré como Praça, Geribanda e Praça da Geribanda a fim de não

7 BRUNEAU, P.; BALUT, P. **Artistique et archéologie**: memoire d'archeologie generale. Paris: Presses de l'Université de Paris- Sorbone, p. 37-44. v. 1-2. 1997.

8 A apresentação em PowerPoint (slide) foi registrada por fotografia e cedida por particular.

colocar em desuso seu verdadeiro nome, ademais, se possível, confundir sua concepção linear de tempo. Além de que, para mim, deveria mesmo se chamar Geribanda. Salvo o próximo capítulo, onde, por hora, a cronologia nos é necessária.

O desenvolvimento do texto se dá em três capítulos, entre a introdução e as considerações finais. No primeiro capítulo apresento as considerações de caráter histórico da problemática desta pesquisa, abordando brevemente as transformações que ocorrem na Praça da Geribanda desde sua formação.

No capítulo dois discuto aspectos teóricos, a fim de apontar problematizações importantes para o estudo de uma Arqueologia do Contemporâneo, como, por exemplo, concepções de familiaridade/proximidade, distanciamento/estranhamento, temporalidades e ética.

No último capítulo volto a falar de transformações que sofre a Praça, no entanto, buscando compreender as ferramentas de exclusão de sujeitos em situação de subalternidade bem como suas formas de resistir a tal exclusão, através da apresentação e análise das fontes e do material empírico. Para finalizar, ainda neste último capítulo, organizo dois manifestos apoiada nas ideias de González-Ruibal (2008), Tramasoli (2017) e Thiesen et al. (2014). Por mais que o manifesto não tenha saído deste papel ainda, aqui ele se eterniza.

1. A CIDADE IDEAL: PARA QUEM?

Para uns, a cidade se apresentava monstruosa, satânica, antro de doenças, perversidade moral e desordem; para outros (ou até para os mesmos) ela se revelava sedutora, atrativa, encarnando os valores da civilização, do progresso, da cultura.

Sandra Jatahy Pesavento

Para compreender o cotidiano e vivências na Praça da Geribanda, é preciso entender o contexto em que ela se constrói, bem como suas transformações ao longo do tempo até chegar aos dias atuais.

1.1 Os primeiros passos da cidade

A cidade de Rio Grande foi fundada por portugueses no dia 19 de fevereiro de 1737, denominando-se Vila do Rio Grande de São Pedro. Foi estrategicamente pensada para fins militares, com o intuito de assegurar os domínios e expansão das terras de Portugal.

Para Bittencourt (2007, p. 32), a vila⁹ modificou sua função militar a partir do século 19, transformando-se no principal centro comercial do extremo sul do Brasil, devido ao Porto da cidade e à implantação, em 1804, de um posto de Alfândega. Nesse âmbito, a economia riograndina se estabelece fortemente no comércio atacadista de importação-exportação. O avanço comercial foi um convite – com entrada franca – aos imigrantes, resultando, portanto, em um significativo crescimento populacional e urbano na cidade. Imigrantes os quais passaram a investir no comércio e na indústria local.

Nas primeiras décadas do século 19, Rio Grande havia se transformado no maior mercado da região sul do Brasil e, conseqüentemente, local onde os principais negociantes viviam ou tinham seus agentes estabelecidos. Vinculada ao comércio, nasce aqui uma elite abastada que integra de forma decisiva o processo de modernização da cidade, importando os hábitos das capitais europeias enquanto

⁹ A povoação de Rio Grande de São Pedro foi elevada à categoria de Vila pela Carta Régia de D. João V, no ano de 1747. E elevada à cidade em 1835.

grupos subalternizados permaneciam à margem desse processo (BITTENCOURT, 2007).

O espaço urbano da cidade do Rio Grande modificava-se na medida em que chegavam trabalhadores e trabalhadoras para as fábricas e comerciantes para as novas casas comerciais aqui que se estabeleciam. Nas últimas décadas do século 19, a urbe havia ganhado novas formas, a exemplo, destaco as palavras de Torres (2010, p. 52):

Por volta da década de 1870, inicia-se um novo momento na narrativa do espaço urbano-portuário da cidade. A modernização do cais (1869/78), a industrialização precoce (1874), a estruturação do sistema de transportes urbano e ferroviário (1884), a iluminação a gás (1874), o telégrafo submarino (1874), a captação e distribuição de água com a construção da Hidráulica (1878), o calçamento das ruas principais (1870/80), o novo matadouro (1873), o paisagismo das praças (1870/80), entre outros incrementos, redimensionaram o espaço na península, confirmando a pujança econômica iniciada no período do comércio de exportação e importação.

O advento do capitalismo industrial, estabelecido pela própria Revolução Industrial, trouxe significativas inovações tecnológicas cujas consequências foram decisivas para a consolidação do urbano, conforme aponta Juliano (2012). As cidades nesse momento já não são as mesmas. Estão superlotadas e, conseqüentemente, mais sujas, barulhentas e com muitas pessoas vivendo em bairros precários. Segundo Juliano (2012), o processo de industrialização da produção provocou um processo de urbanização em escala mundial e conseqüentemente a manifestação de problemas urbanos, que existem até hoje.

As indústrias criadas nas cidades consistiam em grandes estabelecimentos, com investimento de capital acima da média. Na cidade do Rio Grande, os ramos que mais se destacavam foram os de tecelagem, charutos e conservas alimentícias, totalizando cerca de dezoito indústrias no ano de 1913, segundo Costa (2017). Com a necessidade de expandir o espaço urbano de Rio Grande, diante da pressão urbana, propôs-se o primeiro projeto de expansão além das trincheiras, com a demarcação de ruas e quarteirões, configurando o que viria a ser o bairro Cidade Nova, segundo Torres (2010).

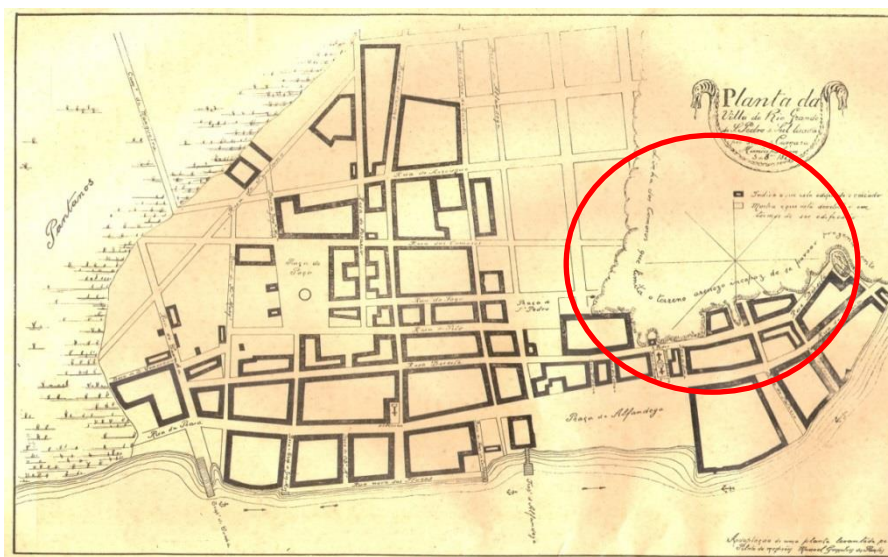
Logo, muitos imigrantes estrangeiros passam a residir na cidade no século 19. Ferreira e Pedroso (2013, p. 388) entendem que junto à criação do novo bairro era estabelecido o subúrbio operário da cidade, nele sendo assentado tudo o que a

mesma não poderia comportar: grandes indústrias, curtumes, matadouros, despejo do lixo e trabalhadoras(es) de baixa renda.

1.2 Para sempre Praça da Geribanda¹⁰

O espaço que hoje é destinado à Praça Tamandaré¹¹, se faz presente desde a fundação da cidade (até mesmo antes). Sendo descrito por Manoel Gonçalves Santos, na planta (não georreferenciada) da vila de 1829, como um “terreno arenoso incapaz de se povoar presentemente”. Na figura abaixo, destaquei com um círculo tal terreno, representado por montículos de areia.

Figura 1 - Planta da Vila do Rio Grande de São Pedro do Sul (1829)



Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium* - FURG).

O naturalista e botânico Auguste de Saint-Hilaire, que viajou durante seis anos pelo território brasileiro, relata as dificuldades sofridas por habitantes de estabelecerem um núcleo urbano, devido à péssima condição do solo arenoso e

¹⁰ As informações acerca da história deste lugar foram retiradas de COSTA, 2008; CRAM, 1996; LEITE, 2008; LUZ, 2011; MONTEIRO, 1939 e THIESEN, 2014. Ambas apresentam informações semelhantes e/ou iguais.

¹¹ Neste capítulo histórico utilizarei os nomes Geribanda ou Praça da Geribanda para fazer referência ao local até o ano de 1865, que é quando o mesmo recebe outra denominação. A partir de 1865 usarei Praça ou Praça Tamandaré. Nas demais partes do texto essa nota não se aplica efetivamente.

úmido, e também por conta dos ventos fortes que sopravam (e ainda sopram) constantemente na vila.

Atualmente a Praça está localizada entre as ruas Luiz Lorea (Norte), General Neto (Leste), General Vitorino (Sul) e 24 de Maio (Oeste). Considerada a maior praça do interior do Estado do Rio Grande do Sul, perfaz um total de 44.124 m² sendo 316 metros de comprimento (Norte-Sul) e 140 metros de largura (Leste-Oeste).

Figura 2 - Vista aérea da Praça com coordenadas via Google Earth



Fonte: extraído de Thiesen (2014).

Nos registros de Monteiro (1939, p. 593 e 594) no Jornal O Tempo, é relatado três denominações não oficiais que a praça recebeu no início do século 19: Praça dos Quartéis, Praça do Hospital e Geribanda/Praça da Geribanda. O primeiro fazia referência aos quartéis do Exército existentes nos arredores, porém os mesmos foram construídos em condições ruins, sendo demolidos mais tarde com o desenvolvimento da vila. O segundo nome consta na planta da cidade feita pelo General Soares Andréa em 1835, que destinava o terreno (que hoje é a Praça) para um hospital e uma praça, a Praça do Hospital. O terceiro nome, que intitula este trabalho com muito carinho, foi o mais utilizado pela população ao se referir àquele espaço, até mesmo depois da denominação oficial. É nessa época, início do século 19, que a Geribanda ganha vida, rostos e histórias, ao ceder água à crescente cidade. Conforme o relato de Saint-Hilaire, que esteve aqui em 1820, no local

existiam poços de captação de água potável que abasteciam grande parte da cidade:

Como já tenho dito, não há aqui nascentes nem fontes de água doce, mas atrás da cidade, entre montículos de areia (em lugar denominado **Geribanda**), **cavaram-se poços**, onde a pequena profundidade se encontra muito boa água. Os negros vão buscá-la em barris e retiram-na do poço com chifres de bois, no meio dos quais é introduzida uma vara comprida, instrumento que eles chamam de guampa (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 107, grifo meu).

Mas por que Geribanda? Na *“Encyclopédia Portuguesa Illustrada”* de Maximiano Lemos essa palavra significa “descompostura” e sabemos, a partir dos relatos da época, que aquele era um lugar de encontro dos grupos mais desfavorecidos da população riograndina. Pessoas que quando juntas, aos olhos da elite, geravam badernas e tumultos.

A partir da metade do século 19 em diante, surgem nos relatórios da Câmara Municipal preocupações acerca da situação da Geribanda, afinal, a mesma era constituída por terreno alagadiço, tornando-a parcialmente inundada em dias de chuvas fortes. Os pedidos de verba para aterramentos ocorrem entre os anos de 1850 a 1890. Simultaneamente, árvores são plantadas e replantadas durante anos.

As denominações citadas até então foram designadas pela própria população. A nomeação oficial, junto com a inauguração da praça, foi dada por resolução que tomara a Câmara Municipal em 20 de abril de 1865 em homenagem ao Almirante Joaquim Marques de Lisboa¹², devido sua atuação nas guerras do Rio da Prata e do Paraguai. O nome Tamandaré¹³ (dado ao Almirante e posteriormente à Praça) é concedido quando o Imperador Dom Pedro II, em 1860, homenageia Joaquim como o maior marinheiro do Brasil após uma viagem da qual o marinheiro solicita que a frota ancorasse no Porto de Tamandaré (sul do Recife), para daquele local levar os restos mortais do irmão que morreu defendendo o Porto (CRAM, 1996, p. 22). Temos, portanto, a atual Praça Tamandaré.

Agora o ano é 1878, as obras da Companhia Hidráulica Rio Grandense, que darão início à captação e fornecimento de água fora do centro urbano, estão concluídas e o chafariz, adquirido pela Companhia, está posto na Tamandaré,

12 Nascido em Rio Grande, alistou-se voluntariamente na adolescência para a Marinha do Brasil e desde então atuou em prol dos interesses da nação.

13 Palavra de origem indígena, da terminologia Tupi-Guarani que em português significa “Deus das Águas”, segundo Cram (1996, p. 22).

findando-se, portanto, a coleta de água pelos poços da Geribanda por exigência do contrato fechado com a Companhia.

A Geribanda ganha características de praça “europeizada”, principalmente, no final do século 19, a partir do plano geral de embelezamento planejado pelo engenheiro municipal Dr. Candido José de Godoy, sendo posteriormente continuados pelo engenheiro J. Fuller Boecke em 1896, assumindo a configuração física atual e atendendo a um anseio de ricos comerciantes a investirem na urbanização da cidade.

A partir de 1909, a Praça passa a abrigar os restos mortais do General Bento Gonçalves da Silva¹⁴, em um monumento-túmulo. Esse momento é considerado o mais importante dos acontecimentos para aqueles(as) que o trouxeram. Afinal, não mediram esforços na arrecadação de recursos para prestar a homenagem, segundo Cram (1996). A autora ainda lembra que uma das causas da derrota farroupilha, foi a manutenção de Rio Grande como porto imperial e encerra com uma pergunta “por que cidadãos (e cidadãs) de uma cidade imperial fariam homenagem a um dos líderes farroupilhas?” (ibid., p. 27).

Figura 3 - Chafariz adquirido pela Companhia Hidráulica Rio Grandense com o Hospital da Beneficência Portuguesa ao fundo (meados do século 20)

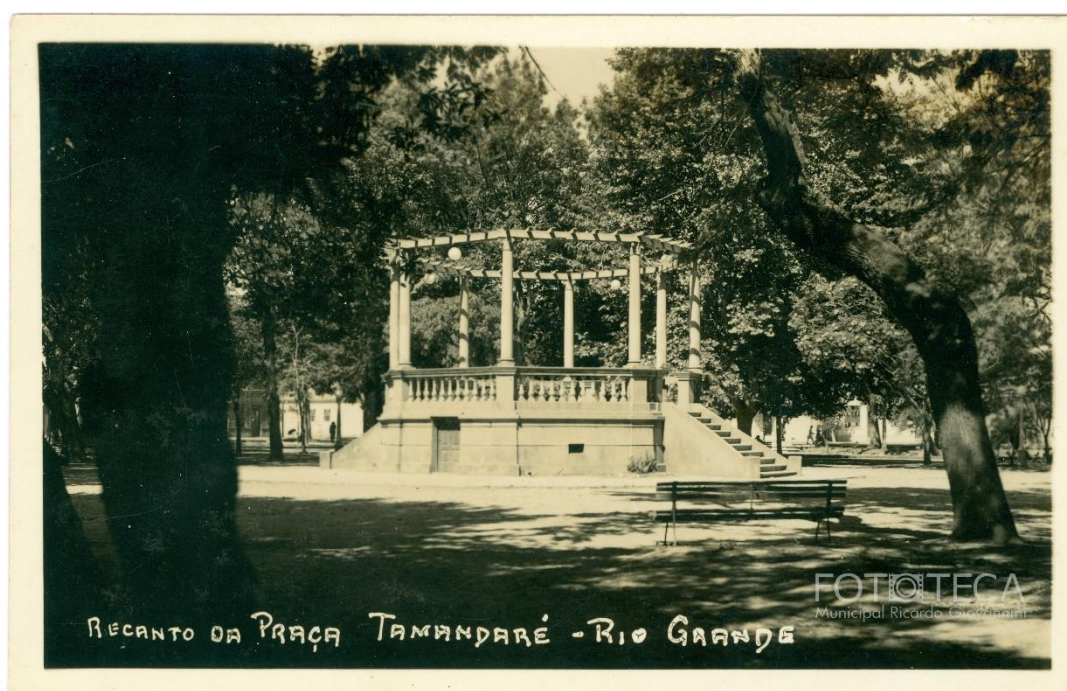


Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium* - FURG).

14 Chefiou a Revolução Farroupilha (1835-1845) e foi Presidente da República Riograndense de Piratini (CRAM, 1996, p. 25).

Ainda nas transformações da Praça no século 20, foi erguido o coreto (figura 4), atraindo a população com as apresentações de bandas, comícios e eventos (CRAM, 1996). Entre os anos de 1940 e 1945 surgiu o Mini Zoológico no interior da Praça, que contava com diversas espécies de animais, tornando a Praça cada vez mais atrativa e turística. Nessa mesma época, a estação dos bondes foi transferida para a Praça, construindo, assim, o local que hoje conhecemos como Abrigolândia. Logo os bondes foram substituídos pelos ônibus e os terminais de embarque e desembarque permaneceram na Praça (LUZ, 2011). Em meados da década de 60, é construído um playground denominado “Recanto Infantil Irmão Isício” e frequentado especialmente por crianças (CRAM, 1996).

Figura 4 - Coreto da Praça Tamandaré (década de 1940)



Fonte: Acervo digital da Fototeca Municipal Ricardo Giovannini.

A Praça Tamandaré estava cada vez mais movimentada. Se no início, ela foi originada para atender uma parte da população (a mesma que a fez). Agora, ela tinha sido gradualmente ocupada por outros grupos. E, no final do século 20, a praça se encontrava com problemas na manutenção de seus atrativos como o Mini Zoológico, o playground, coreto e lagos. Luz (2011), aponta em sua dissertação algumas notícias dos jornais da época que denunciavam o “abandono” do lugar. Dentre as reclamações temos os animais no Mini Zoo que estavam morrendo ou

sendo roubados, falta de iluminação e deposição de lixo na Praça. Dois anos depois dessas reclamações, o mesmo jornal anuncia que a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos já teria os recursos necessários para realizar reformas na Praça (limpeza e manutenção do lago, pracinha infantil, Mini Zoo e recantos da Praça) (ibid.).

O fluxo constante de pessoas na Praça chamou a atenção de vendedoras(es) ambulantes, que se apropriaram daquele espaço vendendo seus produtos em bancas/lonas postas nos caminhos do interior da Praça, a partir da década de 1980. Preferi usar esse termo “comércio ambulante” durante o trabalho, pois ele abrange comerciantes fixos, não fixos, formais e informais, uma vez que

a expressão “ambulante” designa trabalhador[a] normalmente autoempregado[a] que vende diretamente ao[s] consumidor[es/as] (varejo) produtos diversos (normalmente miudezas e mercadorias de mais baixo valor), ou presta serviços (normalmente de alimentação), em vias e logradouros públicos (ruas, calçadas, praças, jardins, etc.), fora de lojas, em postos, fixos ou móveis, ou de forma itinerante levando sua mercadoria junto ao corpo, com ou sem permissão oficial (PAMPLONA, 2013, p. 230).

Este comércio ficou conhecido como “camelôs”. Segundo Luz (2011, p. 120), a presença de tal comércio “enfejava” muito a Praça, além de deixá-la perigosa (acho que estou tendo um *déjà vu*). Como podemos ver no Jornal Rio Grande de 14 de junho 1988, ano LXXV N.º 128 p. 3 – CORUJANDO:

A praça Tamandaré está se encaminhando para aparecer diante de todos com um mercado persa, pela proliferação de tendinhas com mercadorias, que a Prefeitura tem deferido nos últimos tempos. Já está ficando estreito o caminho em direção a ponte sobre o lago diante da avenida Silva Paes, de tantos expositores de mercadorias que ali se instalaram.¹⁵

A Praça passa a sediar, também, outros ramos do setor comercial como bancas de jornal e revistas, lanchonetes e outros pontos de prestações de serviços: engraxate, sapateiro, barbeiro e fotógrafo. Sobre os camelôs, Cram (1996), em sua pesquisa, relata que em 1996 existiam 247 pessoas licenciadas pela Prefeitura Municipal para exporem suas mercadorias na Praça.

15 Reportagem extraída de Luz (2011, p. 121).

Figura 5 - Barracas do comércio ambulante na Praça em meados de 1990



Foto 10: Vendedores ambulantes fixos - camelôs

Fonte: CRAM, 1996, p. 92.

Anos e anos se passaram e a Praça estava tomada pelo comércio ambulante (camelôs). Até que, em 2000, a Prefeitura Municipal inaugura o Centro de Comércio Informal¹⁶ na Rua Val Porto, no centro da cidade de Rio Grande, removendo tais comerciantes da Praça. Outros permaneceram: quiosques, trailers de lanches, engraxate, barbeiro, fotógrafo... Desde que estivessem devidamente padronizados pela regularização da Prefeitura.

16 Popularmente conhecido como “Camelódromos” ou “Camelôs”.

2. POR UMA ARQUEOLOGIA DO CONTEMPORÂNEO

“Nada é impossível de mudar”

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht

2.1 Sempre foi assim, mas não é “normal”!

Em cada aprendizado durante a graduação eu me desconcertava mais. E em um, que contarei aqui, eu aprendi que a Arqueologia pode – e deve! – desnaturalizar o que nos é imposto como sendo natural. “Sempre foi assim, é normal!”

Começando pelas discórdias: as críticas que pesquisadoras e pesquisadores recebem ao se fazer uma Arqueologia do Contemporâneo. Mas por quê?

Referente a isso, trago algumas reflexões que Tramasoli (2017) levanta em *“Haja hoje p/ tanto ontem”*: apontamentos sobre a arqueologia e o contemporâneo”. Ele fala de alguns mitos fundantes da Arqueologia, como, por exemplo, a distância temporal e espacial, o afastamento e o estranhamento que temos que ter com o objeto de pesquisa para garantir a eficiência da análise científica. Na perspectiva de Tramasoli (2017), o distanciamento temporal constitui a distinção entre o sujeito e o objeto a partir da relação temporal, sendo que o primeiro não compartilha da mesma temporalidade do segundo e o distanciamento espacial estabelece a necessidade de estar, literalmente, distante/longe de seu objeto. Essa é a perspectiva ideal para a Arqueologia aos moldes tradicionais, onde completa o pacote de distância o suficiente que garante uma absoluta objetividade na pesquisa arqueológica. Existe uma resistência entre Arqueólogas e Arqueólogos para aceitar o fazer de uma Arqueologia do Contemporâneo, bem como de considerar que esta é uma das Arqueologias.

A Arqueologia fundou-se nas datas recuadas e no passado exótico, apegando-se às coisas antigas, que estão no passado distante de nós, como algo que a defina como ciência. E essa definição é extremamente limitante, deixando as “coisas recentes” a cargo de outras áreas do conhecimento. Mas cá estamos

resistindo! Pesquisando no agora o ontem, o hoje e o amanhã – que mais parece o ontem.

Como já contei, a Praça faz parte das minhas vivências e, voltando ao ofício da Arqueologia do Contemporâneo, baseada em Velho (2013) indago: como me distanciar de algo que vivo? Como pesquisar a mim mesma, enquanto parte constituinte e transformante daquele espaço? Se não tenho esta distância: temporal e espacial, como estranhar aquilo que me é familiar?

Thiesen (1999), que também traz as reflexões acima em sua dissertação, conta que realizar o que antropólogos(as) chamam de “estranhamento” foi (e é) um exercício difícil. De fato, é difícil falar de nós mesmos e/ou estranharmos o que acontece em nossa volta, pois tudo está extremamente naturalizado. Em uma saída de campo¹⁷ tentei “estranhar” a Praça Tamandaré e penso que não fui muito eficaz. Diferente de um colega não riograndino que reparou tudo aquilo que, para mim, era familiar, normal, fazia parte. Ele relatava entusiasmando sobre um grupo numeroso de senhores jogando damas no gazebo da Praça e eu pensava, “mas gente, isso é tão comum!”. Eu estou completamente envolvida com a Geribanda, assumo minha subjetividade nesta pesquisa e entendo que precisarei duvidar de conhecimentos consagrados, criticar, questionar e problematizar o objeto e a mim mesma (THIESEN, 1999).

2.2 “O passado não reconhece o seu lugar; está sempre presente.”¹⁸

Agora coloco em xeque outro aspecto de discussões da Arqueologia do Contemporâneo: a relação entre passado e presente. Para introduzir, trago duas concepções de tempo que Hissa (2012) aborda em sua dissertação de mestrado:

1. Tempo absoluto e não-humano

Para Hissa (2012), a concepção de um tempo absoluto, regular, linear, não-humano, homogêneo, mensurável e divino toma maiores proporções na

17 Atividade de campo realizada na oficina “Método Etnográfico em Contexto Urbano”, ministrada pela Professora Dra. Louise Prado Alfonso (UFPEL), durante o I Ciclo de Oficinas da Arqueologia (FURG).

18 Fragmento poético de Mário Quintana (1906-1994).

modernidade, da sociedade moderna capitalista e da ciência moderna. A autora destaca que

apesar de ideias de tempo absoluto e não-humano estarem presentes no pensamento das pessoas, dos filósofos e inventores ao longo dos séculos, é apenas na modernidade que irão adquirir, sob o marco do relógio de ponteiro, novas configurações. A consolidação moderna do tempo físico, absoluto, linear e não-humano culmina de vários processos, entre eles: *desenvolvimentos técnicos* (da invenção do relógio, por exemplo); *transformações sócio-econômicas* (advindas da revolução industrial e do estabelecimento das novas relações sócio-econômicas capitalistas); da *secularização do pensamento* (através da qual o tempo se distancia do âmbito divino e se racionaliza como fenômeno da natureza, passível de compreensão e estudo); e da *cientificização do conhecimento* (de forma que o tempo mensurável e não-humano permite a regularidade e o controle de experimentos) (HISSA, 2012, p. 37).

É dessa forma que o tempo linear da modernidade corresponde à evolução e progresso. O tempo assim compreendido organiza inúmeras experiências, ordenando e sincronizando pessoas, acontecimentos e processos. As concepções científicas deste tempo fazem parte de estudos arqueológicos tradicionais. Isso resulta em uma restrição das possibilidades interpretativas, que, ao se basear em um tempo absoluto e não-humano, se concentra em organizá-lo, classificá-lo, determiná-lo e preenchê-lo. Por exemplo, conceitos como cronologia, datação, criação de fases e sequências, os quais baseiam grande parte dos estudos arqueológicos, são construídos a partir de uma ideia de tempo linear, natural e racionalizado (HISSA, 2012).

2. Tempo relativo e humano

Para Hissa (2012), este tempo é existente através do olhar humano e deve ser apreendido pelas suas sensibilidades subjetivas. É relativo, irregular, heterogêneo e não pode ser medido. Oferecendo uma possibilidade interpretativa, alternativa e complementar, onde o tempo é uma forma interna, pessoal e sensória de compreensão da natureza e da realidade. A partir dessa perspectiva, levantaram-se questionamentos acerca da construção do passado no âmbito da Arqueologia. Hissa (2012, p. 42) destaca que

os questionamentos acerca da realidade ou da verdade são aqui imbuídos nas percepções do fato como um *constructo* e das narrativas históricas como parte de contextos sociais e políticos. As Arqueologias assim concebidas passaram a questionar a própria realidade absoluta do passado arqueológico. O passado é então percebido como produto de uma série de processos polissêmicos, dando abertura para a compreensão de múltiplos

processos subjetivos. Assim, o passado arqueológico se constrói através de tentativas narrativas múltiplas, e, desse modo, se o passado arqueológico é uma construção, podem existir várias interpretações e, no limite, vários passados.

Agora trato da relação entre Arqueologia e tempo cíclico, linear e em rede. Segundo Costa e Fonseca (2007) o tempo cíclico, que é comum em comunidades tradicionais que passam seus saberes de geração em geração, são ciclos de reafirmação de verdades tradicionais, que garantem sua persistência neste movimento circular de manutenção dos saberes. A transição para o tempo linear dá-se, segundo Costa e Fonseca (2007), na medida em que a escrita cria um substrato permanente para os saberes que, portanto, não precisam mais serem ciclicamente reafirmados, pois se encontram registrados em superfícies razoavelmente estáticas (cera, pedra, papiro...). Instituído-se, assim, o tempo linear, conhecido como o tempo em flecha que segue sempre avante, em pleno desenvolvimento. Rumo ao progresso! Logo, esse tempo não regride.

Diferentemente do tempo em rede que dialoga com várias temporalidades e desconstrói a ideia positivista (de progresso) do tempo linear. Para Costa e Fonseca (2007), o tempo concebido enquanto rede é entendido como uma trama de tempo intensivo, são como as infovias em suas múltiplas atualizações parciais da quase ilimitada rede virtual de conexões do saber. Logo, não depende da repetição,

pois o saber permanece existente sempre, mutando-se virtualmente na rede em diversas novas atualizações. E mesmo que repetição houvesse, repetição não seria, já que na rede não há redundância: a reafirmação do já dito sempre traz uma nova informação, assim como a aliteração na linguagem poética. Tampouco se pode afirmar uma direção em uma linha, pois as possibilidades de sentido e percurso são infundáveis, e atualizam-se a todo instante. Uma rede virtual sem limites, origens ou fins. Uma trama de tempo intensivo, a qual se percorre de forma complexa e híbrida (ibid., p. 6).

“Não é de hoje que a Arqueologia tem buscado superar a concepção de tempo linear e a divisão arbitrária entre passado e presente” (THIESEN, 2013, p. 222). Para González-Ruibal (2012), a partir das considerações de Hamilakis (2011) a Arqueologia deve ser multitemporal, tratando de temporalidades plurais e não deve ser realizada de forma linear. Dessa forma, utilizo-me do seguinte questionamento do autor para pensar as formas de resistir aos processos de higienização na Praça: “¿em qué medida influye el pasado en el presente a través de su persistencia (e insistencia) material?” (ibid., p. 106). Ainda segundo o autor, esta Arqueologia transtemporal é política e ética, pois considera-se que se o passado está no

presente, não se pode separar o compromisso moral da atualidade com aquelas(es) que nos antecederam.

Witmore (2006) também critica a noção de um tempo em flecha (linear) e ressalta que o tempo em si é muito mais complexo e caótico. Na perspectiva de Serres (1995), segundo o autor (2006), o tempo é melhor compreendido como um fluido e, “como o mais quente dos líquidos, o tempo não passa simplesmente: ele percola” (Ibid., p. 279). Ao tentar romper, neste trabalho, com a concepção do tempo linear em estudos de Arqueologia, apresento-lhes o tempo percolante que, segundo Olsen et al. (2012, p. 153), “é uma noção pela qual o tempo, não sendo mais tratado somente como um parâmetro externo, surge de diversas relações entre diversas entidades de vários passados. Nisto, o passado e o presente estão inteiramente mesclados.”

Agora, dentro deste laboratório¹⁹, estou cercada de coisas do passado. Atrás de mim estão os materiais que contam diferentes histórias da Praça Tamandaré e do Taim²⁰, acima descansa o Sebastião, do meu lado direito ainda faltam catalogar objetos de um passado não muito distante. Logo, o passado não é exclusivamente passado, pois está no aqui e agora graças a sua existência material e é capaz de mediar nossas vidas de várias maneiras (PREUCCEL, 2012). Witmore (2006, p. 280) afirma que “na percolação do tempo, as materialidades (sobreviventes) do passado ainda estão conosco.” O autor ainda destaca que esse passado tem ação e podemos vê-lo e ouvi-lo, pois está enredado em nossas atividades diárias (ibid.).

No caso da Praça, as materialidades enterradas do passado afloram na superfície. As atividades de Educação Patrimonial das escavações que ocorreram em 2015, toparam-se com relatos de funcionárias(os) que coletavam e guardavam, nas cascas de um coqueiro, artefatos classificados por nós como arqueológicos. No relatório parcial do trabalho, Thiesen (2015) afirma que fragmentos de faiança fina são encontrados facilmente por funcionárias(os) que cuidam da área que era destinada aos coelhos²¹. Não exclusivos dessa área, esses fragmentos

19 *Liber Studium* - Laboratório de Arqueologia do Capitalismo da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Novembro de 2018.

20 Ambos sítios localizados em Rio Grande (RS).

21 Thiesen (2015, p. 32) salienta que “é importante lembrar que os coelhos, ao fazerem suas tocas, remexem no subsolo e trazem para a superfície artefatos que, originariamente, encontravam-se enterrados”.

arqueológicos podem ser vistos em qualquer caminhada mais atenta ao chão. Além de ver e ouvir (WITMORE, 2006) também podemos tropeçar no passado. Cuidado!

Figura 6 - Funcionários da Praça mostrando fragmentos encontrados na área dos coelhos (2015)



Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium* - FURG).

Estudar várias temporalidades, trazendo os estudos para o contemporâneo, faz com que reconheçamos que as injustiças do passado ainda existem no presente. Se negarmos uma temporalidade (o presente), consequentemente negamos que a opressão ainda existe e está materialmente representada. Se estudarmos o presente, podemos dizer que o que aconteceu no passado, também acontece no contemporâneo, podendo empoderar grupos marginalizados. Foi aí que entendi que a Arqueologia desconstrói o mito de que as coisas são assim porque sempre foram. É natural. Aprendi que é necessário perder a inocência e considerar que o que fazemos é política, já que temos o poder enquanto cientistas.

Com isso, entro na nossa ética. No compromisso social e político que a Arqueologia tem com grupos que são apagados/excluídos/marginalizados. Muitas vezes, invisibilizados por nós quando trabalhamos apenas com uma temporalidade, desconsiderando todo o resto. Em momentos assim, restam duas opções: contribuir

com este silenciamento ou empoderar grupos, por exemplo, a partir dos seus patrimônios. O respeito por outras formas de interpretar e conceber o passado e uma maior equidade nas relações de poder são duas maneiras de a Arqueologia ultrapassar seu legado colonialista. Agora, portanto, tomando ciência disso, como posso articular (mediar e manifestar) as vozes das pessoas e os ruídos das coisas da Geribanda? (WITMORE, 2006).

2.3 Para que não se esqueça. Para que nunca mais aconteça.

O que eu entendo por contemporâneo? Para discutir brevemente essa noção trago González-Ruibal (2008) que caracteriza o termo através do conceito de supermodernidade²². Para o autor, esse período começou após a Primeira Guerra Mundial e se caracteriza pela quantidade de coisas que foram fabricadas e entraram em desuso rapidamente. Thiesen (1999) coloca que

essa intensa destruição leva, inúmeras vezes, a outra destruição que corresponde ao saneamento da paisagem e da memória. Ou seja, extirpamos aqueles traços que lembram algo que queremos esquecer, ou que, pelo menos os que têm o poder de controlar o que deve ou não ser lembrado, querem esquecer. E isso não acontece, como sabemos, necessariamente de forma consciente.

Assim, González-Ruibal (2008) diz que a missão de uma Arqueologia crítica do contemporâneo é contar histórias alternativas, bem como revelar o que a máquina poderosa da supermodernidade não quer que seja mostrado. Em razão disso, o estudo das coisas contemporâneas torna-se de suma importância, mesmo que nos seja caro, pois como bem diz González-Ruibal (2008, p. 248) esta é uma “Arqueologia de nós que estamos vivos (nenhuma outra Arqueologia pode alegar isso), mas também, mais do que qualquer outra, é a Arqueologia do trauma, da emoção e do envolvimento íntimo²³”.

Outra característica do contemporâneo é sua habilidade de percorrer temporalidades distintas neste exato instante – o agora – fazendo com o que aconteceu na Segunda Guerra Mundial me seja contemporâneo hoje, por mais que eu, sequer, estivesse presente. Mas por qual motivo?

22 O conceito de “supermodernidade” (*surmodernité*) é um termo aplicado pelo Antropólogo francês Marc Auge e utilizado por González-Ruibal (2008).

23 Tradução: Adriana Fraga da Silva.

Costa e Fonseca (2007, p. 9-10) explicam que

enquanto a temporalidade moderna é estar à frente do seu tempo, apagando com a força do seu impacto as forças mnemônicas do que existia antes; ser contemporâneo é afundar-se na rede, nos seus tempos diversos, investigar estilos esquecidos e trazê-los à tona em sua estranheza *retro* (nada mais contemporâneo do que algo *retro*) para compor novas variações sem apego a suas formas tradicionais. Assim, em vez de estar à frente do seu tempo, o contemporâneo habita a conjunção dos diversos tempos que constroem seu instante, buscando uma customização temporal a partir desta heterogeneidade flexível e singular. Perambula-se mais pelas tramas virtuais da rede temporal, complexificando as tendências de atualização.

Alguns passados nos são contemporâneos no hoje, mas o que garante que serão no instante a seguir? Como já vimos, nossa sociedade encontra-se na supermodernidade, com todas suas características do excesso e destruição. Por exemplo, no período eleitoral do ano de 2018 inúmeras informações se constituíam, se espalhavam e logo entravam em desuso. A cada hora surgiam novas informações nas Redes Sociais (notícias, *Fake News*, acusações, especulações...) e logo se tornavam ultrapassadas. O piloto automático da sociedade supermoderna, em meio da crise sócio-política-econômica que ocorre no Brasil, nos torna cegas(os) de ontem e amanhã, onde a busca por uma resolução imediatista é predominante e obtida a qualquer custo para atender as necessidades do apressado agora. E a Arqueologia, bem como, mais uma vez, relata González-Ruibal (2014) “pode mostrar os danos colaterais da instantaneidade: viver o instante, com um total desrespeito pela sustentabilidade a longo prazo, requer uma predação intensificada ao ambiente, que deixa um rastro de devastação muito efêmero.”

Penso, também, que a tentativa de esquecimento característica da supermodernidade se faz presente na história da Praça. Deixo aqui uma crônica escrita por Eduardo Galeano que muito me faz refletir sobre o “medo de recordar” os passados da Geribanda:

A desmemória/1

Estou lendo um romance de Louise Erdrich. A certa altura, um bisavô encontra seu bisneto. O bisavô está completamente lelé (*seus pensamentos têm a cor da água*) e sorri com o mesmo beatífico sorriso de seu bisneto recém-nascido. O bisavô é feliz porque perdeu a memória que tinha. O bisneto é feliz porque não tem, ainda, nenhuma memória.

Eis aqui, penso, a felicidade perfeita. Não a quero.

A desmemória/2

O medo seca a boca, molha as mãos e mutila. **O medo de saber nos condena à ignorância;** o medo de fazer nos reduz à impotência. A ditadura militar, medo de escutar, medo de dizer, nos converteu em surdos e mudos.

Agora a democracia, que tem **medo de recordar**, nos adoece de amnésia; mas não se necessita ter Sigmund Freud para saber que **não existe o tapete que possa ocultar a sujeira da memória**.²⁴

Aqui defendo, portanto, Arqueologias de manifestos do que não pode ser dito e que exponham as operações destrutivas do mundo contemporâneo (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008), para que não se esqueça. Para que nunca mais aconteça.

²⁴ GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Tradução de Eric Nepomuceno. 9ª Ed. Porto Alegre: L&PM. Pp. 92-93. 2009. (grifo meu)

3. A PRAÇA É NOSSA?

Assim é que me recordo um pouco das praças: coloridas, iluminadas, espaçosas, alegres; mas aos poucos sendo tomadas pelos camelôs e desbotando, se tornando imundas, escuras, tumultuadas, apertadas, sufocantes!
(LEITE, 2008, p. 3)

Eu não sei ao certo por que escolhi a fala de Cilene Leite, na epígrafe acima, para iniciar este capítulo. A única certeza que tenho é que ela mexe muito comigo. Talvez eu mude para um trecho positivo ou reflexivo, como, por exemplo, a conversa que tive com as taquaras da Praça. Talvez não.

3.1 Cavaram-se poços

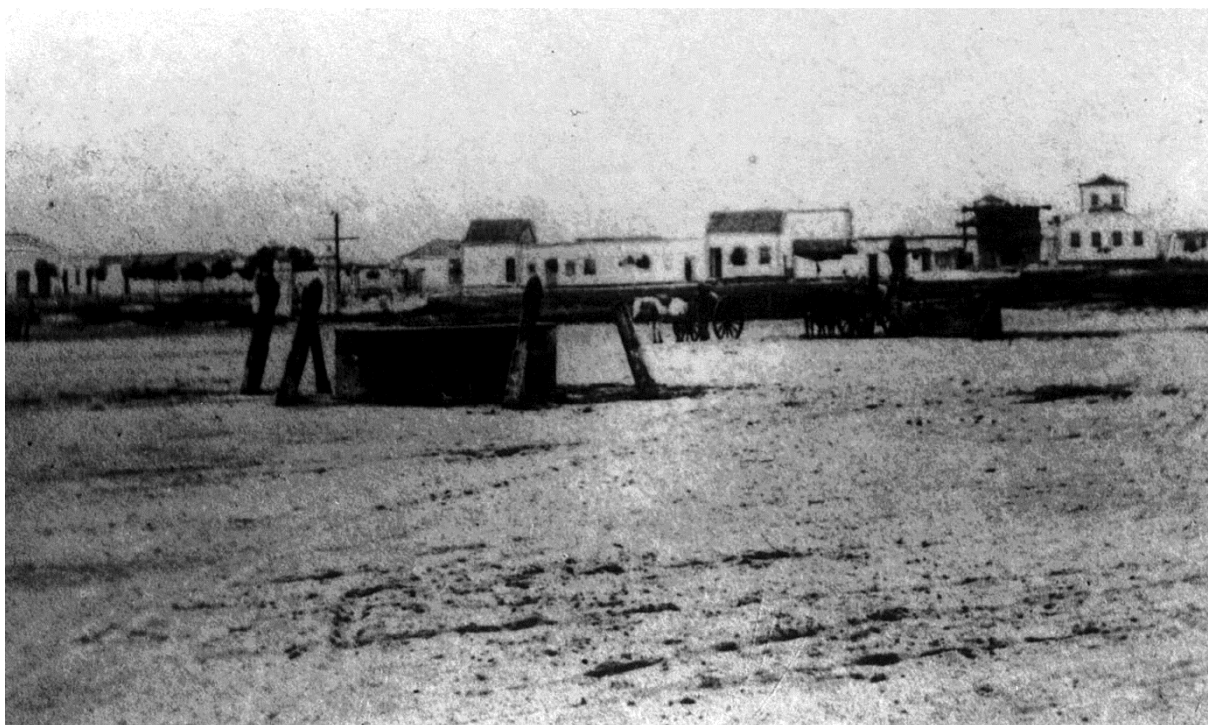
A criação de duas cacimbas na Vila do Rio Grande de São Pedro foi ordenada à Câmara pelo artigo 29 das posturas²⁵ aprovadas em 1811, como relata Monteiro (1947):

O artigo 29 das Posturas aprovadas em 22 de Fevereiro de 1811, mandava que a Câmara "estabelecesse dos primeiros rendimentos que tivesse, **duas cabimbas em lados opostos**". A de **30 de Outubro de 1813**, "o Ouvidor Geral e a Corporação Municipal, foram ao Largo denominado Praça Nova e á **Geribanda e ahi examinada a agua e foram marcados com estacas os lugares onde se deveriam construir as cacimbas ou poços**, que suprirão a população de agua potável, porém, cuja despesa a população voluntariamente concorrerá" (Ibid., p. 126, grifo meu).

As informações que Monteiro (1947) apresenta em seu artigo "Os Homens do Segundo Vilamento do Rio Grande" afirmam que o ano de construção dos poços (provavelmente dois) da Geribanda é 1813. E mais, o nome "Geribanda" é dado antes mesmo da movimentação de diversas pessoas lá em função dos poços que abasteciam a cidade. Sendo assim, indago: a pergunta, "mas por que Geribanda?" feita no capítulo 1 teria outra resposta? (Cf. página 21) A Geribanda era frequentemente utilizada por grupos subalternizados antes da abertura dos poços?

25 Gouvêa (1998, p. 328) lembra que "as posturas constituíam o conjunto de preceitos municipais que regulava o governo local em termos das obrigações relacionadas à ordem pública."

Figura 7 - Poços de captação de água na Praça da Geribanda (após 1842)



Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium* - FURG).

Na fotografia acima vemos dois poços com estacas de madeira ao redor, que, provavelmente, serviam como cercado para proteção do mesmo²⁶. No fundo à esquerda está a Santa Cruz, dentro de um cercado, erguida no ano de 1842 por padres missionários (CRAM, 1996; LUZ, 2011; FONTANA, 1868²⁷ apud TORRES, 2016), constatando, portanto, que a foto foi feita entre 1842 e 1878 – que foi o ano de aterramento dos poços para o funcionamento do chafariz. Oliveira (2013) e Torres (2016) datam esta foto em 1865, porém não relatam de onde vem esta informação. A Santa Cruz, posicionada na parte sul da Praça, ainda indica que a fotografia foi tirada com vista para a atual Rua General Vitorino esquina General Neto, pois na figura 9 (abaixo) podemos ver, no canto direito, o prédio do Hospital da Beneficência Portuguesa original (antes da mudança para o estilo neogótico) que se localiza na mesma.

26 Conforme solicitam no Relatório da Câmara de 1853, que discutirei em breve.

27 FONTANA, Carlos Eugênio. Arcádia. Rio Grande, 1868.

Figura 8 – Obras na Praça em 1895 (vista para a atual Rua General Vitorino)



Fonte: cedida por Carlos Roberto Souza.

Figura 9 - Obras na Praça em 1895 (vista para atual Rua Luiz Lorea)



Fonte: cedida por Carlos Roberto Souza.

As fotografias acima (figura 8 e 9) foram tiradas pelo fotógrafo Amílcar Fontana em 1895 e fazem parte do seu “*Álbum Ilustrado da Cidade do Rio Grande: aspecto Antigo e Moderno*” de 1912, segundo Torres (2016). O fotógrafo tinha a intenção de registrar a obra uma vez que ele centralizou os trabalhadores, colocando em segundo plano elementos como a cruz (figura 8) e a caixa d’água (figura 9).

Na figura 8 aparece um cata-vento ao centro-esquerda e na próxima figura aparecem dois: um no centro da foto e o outro em construção à direita, esse foi o mais conhecido, localizado na esquina das atuais ruas General Neto e Luiz Lorea. Saliento que os poços já tinham sido aterrados no momento das fotos e a Praça estava cercada, como vemos nas figuras.

Monteiro (1939) relata que o presidente da Câmara José Antonio da Rosa propõe à mesa a criação de um lago no centro da Praça, em sessão de 14 de janeiro de 1876, a fim de convergir em um ponto só as águas das chuvas que ali se acumulavam. Somente em março de 1890 que a despesa para o nivelamento do local onde se planejou fazer o lago foi autorizada. E, ainda segundo Monteiro (1939), no ano de 1995 estava orçado em projeto de lei um total de 40 milhões de réis²⁸ para os “melhoramentos” da Praça, seguindo o plano de embelezamento do engenheiro J. Fuller Book. Com isso, as obras vistas nas figuras 8 e 9 são, provavelmente, da construção do lago, pois além das informações acima, atualmente o lago localiza-se no mesmo lugar das obras.

O escritor Carlos Eugênio Fontana (irmão de Amílcar Fontana) escreveu na revista *Arcádia*, de 1868, que na Praça existiam seis fontes públicas para coleta de água e lavagem de roupa naquele ano (FONTANA, 1868 apud TORRES, 2016). Monteiro (1939) afirma que cinco poços eram construídos com tijolos e cantaria e existia um bebedouro para animais (seriam essas as seis fontes que Fontana se referiu na revista?). O fiscal Antonio Correia de Mello fala no relatório de 11 de janeiro de 1854 sobre os últimos dois poços que fizeram na Geribanda e a necessidade de aterrar áreas onde a areia é fina – sendo facilmente carregada pelo vento. Esses relatos confirmam que, com o passar dos anos, novos poços foram construídos na Praça, além dos dois primeiros, ordenados em 1811.

28 Equivalente a R\$4.920.000. Fonte: <http://diniznumismatica.blogspot.com/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html>. Acesso em: 25 nov. 2018.

Entre 2014 e 2015 escavações e pesquisas arqueológicas foram feitas na Praça através do “Programa de Salvamento Arqueológico na área de colocação de plataforma de embarque e desembarque de passageiros do Transporte Urbano Municipal de Rio Grande – RS” coordenado pela Profa. Beatriz Thiesen. No relatório parcial²⁹ consta que a escavação na Geribanda evidenciou uma estrutura mais ou menos circular feita de material vegetal traçado (que tem função de filtrar a água) encaixada entre pedras, assemelhando-se com uma cacimba, mas como essas são buracos cavados em um terreno até atingir a água subterrânea, em seguida a quadrícula encheu-se de água e não foi possível fotografar a estrutura (fotos do fato seguem abaixo). Foram encontrados fragmentos cerâmicos ao redor, corroborando para tal suposição. Certamente não se tratava de um poço, pois os poços da Geribanda possuíam estrutura de tijolos, conforme figura 7.

Figura 11 - Provável cacimba no *Locus A* (próximo ao monumento do Bento Gonçalves)



Figura 10 – Deu ruim no *Locus A* (escavação na Praça 2014/2015)



Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium* - FURG).

Após a inundação, as escavações foram interrompidas neste *Locus*. Não foi possível definir se se tratava de uma estrutura natural ou artificial. Porém, esse achado demonstra que várias dessas estruturas podem existir em diferentes “*locus*” da Geribanda, tornando essa um lugar de concentração de pessoas cujas atividades são ligadas à água. O questionamento que faço na página 35 pode ser respondido

29 Relatório Parcial das atividades do Programa de Salvamento Arqueológico na área de colocação de plataforma de embarque e desembarque de passageiros do Transporte Urbano Municipal de Rio Grande – RS. 2015.

aqui: a descoberta da possível cacimba me faz pensar que antes mesmo da criação dos poços, já retiravam água da Geribanda.

Ainda em função do fornecimento de água à cidade, a Companhia Hidráulica Rio-Grandense instalada um chafariz em 1878 na Geribanda³⁰, colocado inicialmente no centro da Praça e sendo transferido para a atual localização (em frente ao então Hospital da Beneficência Portuguesa) em 1902, para a futura instalação do monumento-túmulo do Bento Gonçalves naquele lugar³¹.

Figura 12 - Chafariz da Praça da Geribanda



Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium - FURG*).

A fotografia acima, feita por Amílcar Fontana (TORRES, 2016), mostra o chafariz em seu lugar original, tanto que as luminárias postas junto a ele são, muito provavelmente, as que ainda se encontram ao redor do monumento atual. A data da

30 Conforme o Relatório da Câmara Municipal do Rio Grande de 12 de fevereiro de 1878.

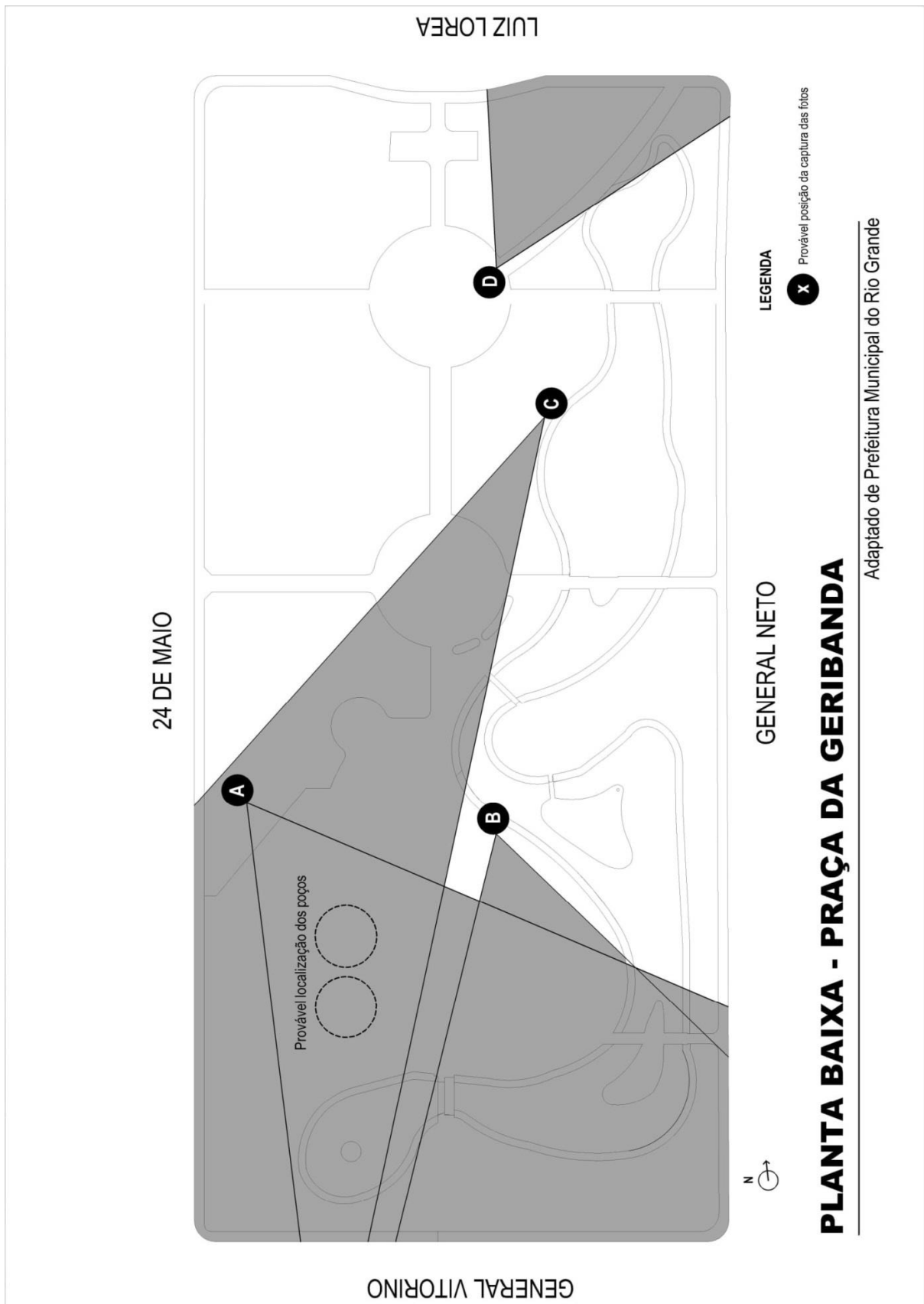
31 Conforme o Relatório da Câmara Municipal do Rio Grande apresentado ao Intendente Municipal em 10 de julho de 1902.

foto é entre 1878 e 1902. No canto direito da imagem vemos uma casinha que, provavelmente, era destinada aos guardas que zelavam pela água limpa e a ordem.

Analisei as figuras 7, 8, 9 e 12 com intuito de pressupor a localização dos dois poços que aparecem na figura 7. De acordo com algumas estruturas como o Hospital da Beneficência Portuguesa, o prédio à esquerda, a Santa Cruz, cata-ventos, etc. Pude estimar a posição e a direção da câmera fotográfica e, a partir disso, identificar a área que a fotografia abrangeu. Utilizamos³² a planta baixa cedida pela Secretaria de Município do Meio Ambiental da Prefeitura Municipal do Rio Grande (SMMA), porém a adaptamos, deixando a estrutura do lago e os dois círculos que representam os espaços onde estão, da esquerda para a direita, o famoso monumento e o coreto. Ficou difícil colocar a escala, já que não fomos nós que desenhamos a planta, então está sem escala.

32 Material elaborado em coautoria com Brendon Jardim de Souza.

Figura 13 – Planta baixa com provável localização dos poços da figura 8



Fonte: Secretaria de Município do Meio Ambiente – Prefeitura Municipal do Rio Grande. Adaptado pela autora e Brendon Jardim de Souza.

A letra **A** representa a figura 7. Letra **B** a figura 8. Letra **C** a figura 12. E a letra **D** a figura 9. A parte sombreada representa a provável direção e angulação da foto, de acordo com os elementos visíveis nelas. A partir disso, reafirmo uma suposição já feita: as figuras 9 e 10 podem representar a construção do lago, e faço uma nova: provavelmente, os dois poços da foto estão localizados onde hoje é um caminho de passagem, ao lado da atual casa da administração da Praça, próximo ao chafariz. Ressalto que os últimos dois parágrafos são interpretações minhas, a partir de quatro fotografias que indicaram o possível lugar dos dois poços da figura 7. Lembro, ainda, que existiam mais poços em diferentes lugares da Geribanda.

Figura 14 - Vista da provável área dos poços



Fonte: capturada pela autora em novembro de 2018.

Na figura 14, tentei representar a provável área dos poços, o chafariz está na minha direita. A casa à esquerda da foto é a atual Administração que cuida das praças da cidade. À direita da foto ficam canteiros com plantas e o cercado que aparece ao fundo era destinado ao Mini Zoo. Dentro daquele cercado tem uma fonte de água com uma escultura (figura 15). Um tanto quando sugestivo de se pensar a existência dos poços naquele ponto. Com certeza, a fotografia dos poços, faz referência ao quadrante Sudoeste da Praça (confira a representação deste quadrante na figura 28).

Figura 15 - Mini Zoológico com a fonte de água no centro



Fonte: capturada pela autora em janeiro de 2018.

Nas figuras 8, 9 e 12, ambas do final do século 19, vemos elementos (como postes de luz, chafariz, cata-ventos, e a própria obra) representarem um processo higienizador que reconfigurará o espaço da Geribanda. Neste sentido, respalda Bittencourt (2007, p. 79):

A ordenação da natureza nos espaços da cidade moderna estava inclusa nos projetos de embelezamento urbano e igualmente alicerçados em modelos parisienses. Sob a égide da modernização, praças, largos e jardins tornaram-se os locais favoritos da elite riograndina para o lazer ao ar livre, oferecendo-se às novas relações de uma vida pública.

3.2 Deos guarde a Vossa Senhora

Atentando o olhar para a materialidade que atua como construtora de discursos e práticas excludentes, recorri aos Relatórios da Câmara Municipal da Cidade do Rio Grande correspondentes aos meados do século 19 e início do século 20.

Analisando, então, encontrei um relatório emitido dia 12 de janeiro de 1853 pelo Fiscal Raymundo Vasquez à Câmara Municipal lembrando a mesma das mais urgentes necessidades do Município:

Na Praça da Geribanda, **lugar hoje muito freqüentado**, formão lagoas que prohibem o transito, e crião insectos, pela sua duração convem atalhar o mal que dahi pode resultar á salubridade publica, por que dessas lagoas, e agoas estagnadas, segundo as opiniões de homens d'este, que se desenvolvem enfermidades na estação quente: convem pois atterralas, a occasião he propicia e o atterro posto. **Tenho em vários relatórios pedido guarda para os poços da Geribanda por serem aquelles que fornecem agoa potável aos habitantes d'esta Cidade**, de semelhante guarda nascem duas vantagens, **o aceio dos poços**, que ate agora tem estado entregue ao livre alve uso da escravatura, e a policia nepsa mesma escravatura, **que ali a toda a hora se reúnem em grande numero. Isso tem a favorecido que possivelmente a apodrinhão este funcionamento.** Outra medida ainda necepsitão e vem a ser huma grade de madeira forte em cada um dos mencionados poços, a qual trata a vantagem de desafluração e **não de chegarem muito a elles as carroças que vendem agoa**, que hoje são em grande número e fazem a afluração de encherem barris e pipas, mesmo de cima dos poços e ali os animaes tornam aquelles lugares imundos.

Mesmo a casa para a guarda, denominada “Casa da Geribanda”, tendo ficado pronta em 1854³³, a solicitação de guardas municipais para os poços aparece frequentemente nos relatórios de meados do século 19. Além da preocupação com as carroças e o depósito de fezes e urinas dos animais que elas ocasionavam, tratava-se, também, do controle sobre o uso dos poços e da água, bem como das práticas cotidianas de grupos subalternizados que circulavam livremente pela Praça da Geribanda. Segundo Oliveira (2009), a vigilância dos espaços e indivíduos, objetivando um domínio sobre seu cotidiano e o regramento do urbano segundo princípios de moralização e ordem dos dirigentes municipais, transparece nos documentos policiais, judiciários e da Câmara Municipal analisados por ele.

Vinicius Pereira de Oliveira apresenta em sua tese de doutorado a descrição que Daniel Kidder³⁴ faz sobre o entorno do chafariz do Largo do Paço, atual Praça XV, na cidade do Rio de Janeiro:

No Largo do Paço o forasteiro vê-se envolvido por uma **turba multiforme** tanto na aparência como nos hábitos, e, tão **variegada na compleição e nos costumes** como jamais poderia imaginar. **A maior parte dessa multidão é constituída por africanos que se acotovelam em torno do chafariz.** A água corre continuamente de mais de vinte canos e, apanhada em vasilhame diverso, é transportada à cabeça por homens e mulheres. Os

33 Conforme apresenta o Fiscal Antonio Correia de Mello no relatório de 14 de março de 1854 à Câmara Municipal.

34 KIDDER. Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanências no Brasil**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, Martins, 1972.

escravos [...] quando reunidos nesses logradouros, são geralmente sociáveis em extremo às vezes, porém, o ajuntamento gera diferenças a acaba em pancadaria. **Para evitar desordens, há sempre, nos chafarizes, soldados montando guarda** [lembra-se da possível casa para a guarda instalada perto do chafariz na Geribanda?] (KIDDER, 1972, p. 45 apud OLIVEIRA, 2013, p. 161-162, grifo meu).

Essa descrição indica que as dinâmicas nestes espaços se assemelhavam as das cidades atlânticas e portuárias (OLIVEIRA, 2013), como é o caso de Rio Grande. Oliveira (2009) ao pesquisar sobre a presença negra nas atividades relacionadas ao mundo náutico no Porto de Rio Grande/RS, bem como as vivências e papéis de tal presença na conformação da cultura popular ao longo do século XIX, afirma que em uma cidade negra como Rio Grande, espaços urbanos como a Geribanda eram cotidianamente vivenciados, por motivo de lazer ou trabalho, por marinheiros, pessoas escravizadas, negras(os) livres, brancas(os) pobres, quitandeiras, lavadeiras, etc. Para o autor, esta é

uma situação que colocava em contato uma diversidade de sujeitos portadores de ideias, sentimentos, expectativas, projetos e visões particulares de mundo, moldadas por uma diversidade de variáveis como cor de pele, condição jurídica, religião e trajetória pessoal (OLIVEIRA, 2009, p. 4-5).

Tal situação pode ser exemplificada com o ocorrido na noite de 31 de abril de 1850 na Praça da Geribanda: a luta da capoeira entre um escravizado e um liberto uruguaio. Oliveira (2013, p. 162-163) conta que

sob olhar um grande número de negros livres e escravizados que por ali circulavam, o uruguaio Alexandre de Souza (19 anos, campeiro, filho de pais libertos) teve seu barril d'água derrubado pelo preto Bernardo (escravo de Manoel José Coreia de Sá), de quem recebeu o desafio de jogar capoeira, culminando tal episódio com a morte deste último por facada desferida por Alexandre.³⁵

O trabalho arqueológico³⁶ realizado na Praça, do qual fiz parte, evidenciou, através das escavações, materiais que nos mostram quais grupos sociais frequentavam a Geribanda. A presença de vidros trabalhados (lascados) e ossos de origem animal com marcas de consumo, somado aos relatos escritos, comprovam a presença de grupos subalternizados naquele espaço. A figura 17 é de um exemplo de vidro lascado proveniente da escavação. Embora o contexto seja de aterro, foram

35 Esta informação consta em documento analisado por Oliveira (2013), através da fonte: APERS, Processos Crime, Rio Grande, Júri, Caixa 005-0418, Auto 19.

36 Programa de Salvamento Arqueológico na área de colocação de plataforma de embarque e desembarque de passageiros do Transporte Urbano Municipal de Rio Grande – RS. 2014/2015.

encontrados vários exemplares com pátina retirada, ao lado de pequenas lascas, mostrando que foi lascado no local. A figura 16 é um exemplo de fragmento de osso com marcas de corte para retirada de tutano.

Figura 17 - Metacarpo bovino encontrado na Geribanda



Figura 16 – Vidro lascado encontrado da Geribanda



Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium* - FURG).

É importante salientar a presença feminina na Praça da Geribanda, representada na figura das lavadeiras, uma vez que ali se formavam lagos que serviriam para lavagem de roupas. Vale relatar aqui, que muito próximo da Geribanda existia um lugar de concentração e trabalho feminino: o Largo das Quitadeiras (oficialmente o Largo de São Pedro, atualmente Largo Doutor Pio, em frente à Catedral São Pedro). Fazendo-me pensar na sociabilidade entre as pessoas que utilizavam a Geribanda – e sua água. Seus encontros, comércios, conversas, refeições, amores, discussões...

Voltemos. Conforme o relato de Monteiro (1935, p. 593, grifo meu):

Sabe se que nas lagoas daquele vasto areal, **lavava-se roupa** e que alli existiam poços, de onde os **escravos** retiravam a agua potavel com que abasteciam a casa de seus senhores, ou enchiam-se pipas para a venda publica do precioso liquido. **O ajuntamento de tal gente não traria disputas, sarabandas, descompostura e mesmo luctas corporaes, que faziam d'aquelle local uma verdadeira "giribanda"?**

Esta era a visão da burguesia sobre aquele espaço: uma verdadeira desordem, resultante do agrupamento de pessoas em condições diferentes das suas. A necessidade de estabelecer o modo de vida da sociedade capitalista fez com que comerciantes, que aqui estavam estabelecidos, contribuíssem para o desenvolvimento da cidade, uma vez que a Câmara Municipal não possuía recursos o suficiente para a execução do mesmo (COSTA, 2008). Sendo assim, são os

grupos dominantes que planejam a cidade ideal para si, esquecendo-se (ou não!) que a maior parte da população continua sendo de baixa renda. Falo isso para mostrar, agora, a Praça como um exemplo desse contexto.

No relatório de orçamento e despesas para o futuro exercício da Câmara Municipal, apresentado à Assembleia Legislativa da Província no ano 1861, constam as intenções de “embelezar” as praças da cidade, incluído a Geribanda:

As praças precisão embellesamento. A camara tem tratado de plantal-as de arvoredos, e n'este sentido já alguma cousa tem conseguido. Não sendo o arvoredos uma beleza somente, mas sendo ao mesmo tempo **hygienico**, por dobrada rasão a sua conservação é reclamada (grifo meu).

No ano de 1862, a Câmara Municipal, indignada com a não contribuição da população para com seus projetos, fecha a Praça da Geribanda com marcos e correntes para impedir que o trânsito de carros e animais “embaraçasse” a realização dos “melhoramentos” bem como conservar a vegetação que tentavam vingar a todo custo. O trecho do relatório abaixo, que comprova tal feito, foi escrito pelo presidente da Câmara, João Antonio Lopes, no dia 7 de janeiro e apresentado aos vereadores da cidade.

Resolveu que a praça da Geribanda fosse fechada por marcos e duas ordens de correntes, de modo a privar que o transito dos carros, e certos animaes embaracem a realização, logo que seja possível, dos melhoramentos, de que ella é susceptível, e a conservação entretanto de um tapete de relvas em vez das arêas que tanto a afeião.

Somente no ano de 1890 que a Câmara ordena a retirada e venda do aramado por estar em mal estado (MONTEIRO, 1938).

Todas as menções à Praça nos relatórios da Câmara Municipal são pedidos ou apresentações de “melhorias” do espaço como aterros, calçamento, plantação de árvores e instalação de monumentos. De acordo com o relatório de 14 de março de 1876, a municipalidade não pode, sob qualquer motivo, sobrestar ou procrastinar esses “melhoramentos” que dialogam com a higiene, progresso e embelezamento da cidade.

O relatório de 28 de junho de 1902³⁷ apresenta a uma Geribanda diferente, onde “existe o melhor jardim público” resultante do “desenvolvimento que nos últimos tempos tem adquirido a Praça Tamandaré”, por outro lado, esse desenvolvimento carece de “outro grande melhoramento: refiro-me a necessidade

37 Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Dr. Conrado Miller de Campos.

de ser ela fechada para evitar-se as constantes fugas dos animais e aves que ali se encontram em plena liberdade”. Pediu-se, então, que fosse feito um muro de alvenaria com uma grade de ferro, em todo seu circuito, sendo isso “indispensável ao aformoseamento”. Eu tive acesso até os relatórios de 1903 da Câmara Municipal, portanto, não pude confirmar o ano do segundo fechamento. Contudo, observando as imagens antigas da Praça que tive acesso, percebi que até 1910 ela estava cercada.

Figura 18 – Cartão Postal da Praça (cercada) em 1905



Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium* - FURG).

Ainda no ano de 1902, vemos o momento que a “comissão glorificada da memória do legendário general Bento Gonçalves da Silva” escolheu o local da Praça “onde existia um Chafariz, para ali ser levantado o monumento em cuja base serão depositados os preciosos despojos mortaes de tão eminente cidadão”.³⁸ Os patrimônios institucionalizados estão vinculados a um discurso político, memorial e identitário, uma vez que qualquer seleção de um patrimônio é uma escolha do que representar do passado. Somando isso com a troca oficial do nome “Praça da Geribanda” para “Praça Tamandaré”, em 1865, testemunhamos o apagamento completo da memória negra da cidade (e da Geribanda) dando lugar, mais uma vez,

³⁸ Conforme o Relatório apresentado ao Intendente pelo Secretário do município.

à “história oficial”. Sem clichês. A história é feita, sobretudo, de apagamento. Uma história é contada, um passado é lembrado – de preferência o mais “embelezado e higiênico”.

Uma vez que as materialidades nos ajudam a lembrar das histórias passadas, pergunto: que passado está presente na “Praça Tamandaré”? Pergunte-se se ele conta (e como conta) a história da Geribanda. Pergunte-se, também, quem tem o direito à memória?

Falando em materialidades, a configuração que tomara a Praça, no século 20, engrandecia o legado de uma comunidade progressista. Estava materialmente visível,

era um imenso parque iluminado e gradeado, muito bem arborizado e ajardinado, com passeios, monumentos, chafariz em metal, quiosques e um pequeno coreto onde realizavam-se retretas de bandas de música e comícios públicos. Um cata-vento captava água para os lagos com pequenas ilhas e canais artificiais cortados por várias pontes e percorridos por pequenos barquinhos (BITENCOURT, 2007, p. 80).

A memória está diretamente relacionada à maneira pela qual percebemos o mundo ao nosso redor, entendemos o passado-presente e projetamos o futuro. A reconfiguração da Geribanda demonstra a intenção de introduzir uma nova memória coletiva e, conseqüentemente, apagar a antiga. Se escolheu o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido. E a escolha se materializou: monumentos, arquitetura, esculturas, obras de arte, belas vestimentas, passeio pelo lago, animais em exposição, inspirações europeias... Sobre essas histórias nos contam, pois são dessas coisas que lembram e, se por ventura, vierem a esquecer, em algum lugar está escrito e/ou materialmente expresso.

Um bom exemplo para refletir sobre a importância da materialidade na constituição da nossa memória é o trabalho feito por Thiesen et al. (2014) sobre o tema de desaparecidos(as) da Ditadura Militar brasileira. O grupo projetou uma instalação com o intuito de “revelar, não através das palavras, mas da cultura material, os rostos das vítimas da ditadura, mostrando tanto o visível, como as realidades ocultas da história: a ausência” (THIESEN et al., 2014, p. 236). Ao adentrar a instalação nos deparávamos com a violenta repressão que logo fluía para a materialidade. Não tinha nenhum texto escrito, a maior frase estava num pedaço de papel que pegávamos na entrada – e depois entendíamos que era o nome de um(a) desaparecido(a). A materialidade refletia a ausência de indivíduos naquele

contexto e, por mais que eu ainda não fosse nascida, me é contemporâneo. Me permite pertencer a uma história que me foi contada através dos gritos, da violência e das coisas daquela instalação.

Figura 19 - Praça nos princípios do século 20



Fonte: Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo (*Liber Studium* - FURG).

Logo, percebemos o aspecto de um espaço popular se transformar em um lugar elitista, e me pergunto, para onde foram as pessoas da Geribanda? Você as enxerga na “Praça Tamandaré” do século 20?

3.3 Para onde vão as pessoas pobres?

É sempre difícil começar. Então que comecemos do começo. O modo de vida burguês surge no Brasil com a decadência do império escravista. A caracterização da sociedade burguesa se dá, por exemplo, na separação do espaço público e privado, valorização da família, ritualização de hábitos cotidianos e no acúmulo de capital real e simbólico (LIMA, 1994).

Com a ascensão da burguesia, novos “valores” foram incorporados. Alguns hábitos passam a ser praticados com um objetivo muito explícito: tentar evitar a proliferações de moléstias ou doenças, que no século 19 se faziam fortemente

presentes. Pondo em prática, portanto, as políticas e ideologias higienistas a fim de cuidar da saúde das(os) habitantes da urbe.

O pensamento higienista baseava-se na ideia de que doença era um fenômeno social que envolvia todos os aspectos da vida humana. Tudo (e todos) que oferecesse perigo à saúde deveria ser higienizado para evitar riscos de contaminação e proliferação. A burguesia crescente precisava viver em um ambiente limpo e ordenado (que estava ligado à higiene), essa era sua compreensão de mundo. Frente a essas mudanças havia um grupo social visto como um foco de doenças, que por sua vez habitavam casas aglomeradas e sujas: pobres/subalternizados.

Não diferente de hoje, a pobreza e suas e formas de habitar a urbe, era sinônimo de perigo, doença, sujeira, barbárie e ameaça à saúde pública... E cabia à população dominante ditar a ordem sobre o “caos”, já que a mesma retinha o saber, afastando a pobreza para longe de suas casas, bares, ruas e praças. Segundo Cruz (1998, p. 22)

ordenar, intervir, padronizar, qualificar e normatizar a vida, construir prédios, abrir avenidas, alargar ruas, arejar a cidade, demolir cortiços, policiar, embelezar, sanear são expressões apropriadas pelo poder público, advindas e pautadas nas teses e concepções médicas.

A autora ainda destaca que

A pobreza é uma ameaça física e moral, o péssimo estado de vida e as más condições de moradia apontam para a possível degradação da família operária. Cria-se a imagem da habitação saudável, higiênica, divulgada pelos setores dominantes (1998, p. 28).

Em *Os podres da cidade*, Pesavento (1994, p. 8) fala que “o século 19 “descobriu” o fato social, reconhecendo-o como um problema, e fez dele um campo de saber científico”. Para a autora, o advento do capitalismo e o desenvolvimento da sociedade urbano-industrial deram margem ao processo de percepção da “questão social”, sendo protagonistas da mesma: pobres, populares, subalternizados, proletários(as)... Que contrapunham a riqueza e luxo da sociedade capitalista. Habitantes populares da urbe necessitavam ser enquadradas(os) dentro de uma ordem supostamente mais ordenada, higiênica e moral, de acordo com Pesavento (1994, p. 9). O discurso higienista atuou na legitimação das práticas de exclusão de indivíduos, varrendo-os para as margens da cidade. Lembra-se do bairro Cidade

Nova? É um exemplo do processo de exclusão de grupos subalternizados do centro da cidade.

A ciência, nesse momento, passa a dar base e orientação para as reformas que ocorreram no século 19. A cientificidade legitima as transformações da urbe e de suas moradoras e moradores – a fim de deixar tudo mais “ordenado e limpo”.

Em Rio Grande, elaboram-se recursos para educar a sociedade na tentativa de torná-la mais higiênica. De acordo com Lobato (2008), na virada do século 19 para o século 20 existia o Departamento de Limpeza na cidade, sendo responsável pela disposição final do lixo gerado pela população. As principais áreas de atuação deste departamento são as ruas, praças e avenidas. Ao ler os Relatórios da Câmara Municipal (entre 1847 e 1903), vemos a necessidade de melhorar a prestação de serviço da cidade, como recolhimento frequente do lixo, calçamento das ruas, higienização das praças e etc.

A elite riograndina estava preocupada em “aformosear” e “embeleazar” a cidade e as pessoas para que estas fizessem parte do modelo de cidade elegante, produtiva e saudável. Vale ressaltar que essa nova “ordem moral” agrada e contempla apenas as necessidades de uma parte da população, a dominante. Reservando para grupos subalternizados, apenas sujeitarem-se às novas transformações que a cidade passa no século 19.

Abordando a Praça da Geribanda como um exemplo deste processo, concordo com Bitencourt (2007, p. 80) ao dizer que

o esquadriamento do antigo local e a construção de um parque organizado e limpo, seguia o exemplo da Europa e que deveria ser seguido pela cidade em busca do progresso e, inserido no ideal modernizador-higienizador-urbano pelo qual passavam os principais centros brasileiros. A cidade “modernizada” estimulava a família a usufruir do espaço público, circulando em uma atmosfera saudável e forjando assim, novas práticas urbanas adequadas aos “novos tempos”.

3.4 A Matriz

Desde o final dos anos noventa a Praça enfrenta a falta de cuidados na manutenção dos seus espaços por parte dos órgãos competentes. Luz (2011) coletou notícias nos jornais desta época (ver anexo B) que apresentam reclamações sobre o estado de conservação do Mini Zoológico, dos monumentos, lagos, falta de iluminação, acúmulo de lixo e assim por diante. Hoje funciona mais ou menos da mesma forma. Na verdade, a única diferença é que, há pouco tempo, todos os animais do Mini Zoo foram retirados de lá.

Se há pessoas, logo tem lixo rolando por todos os cantos. Por mais que o pessoal da limpeza³⁹ exerça um trabalho fenomenal ao manter a Geribanda mais limpa possível, existem questões estéticas como pintura e estruturas em péssimos estados que incomodam a população que está sempre reclamando do “abandono” da Praça, na maioria das vezes, via Facebook. Porém, trago aqui uma ação feita dia 19 de setembro deste ano por jovens que aproveitaram o dia 20 de setembro para pedir “S.O.S”.

Mas estamos falando do dia 20 de setembro⁴⁰, obviamente a faixa foi retirada antes mesmo de o sol raiar e a repercussão se deu via redes sociais, pois a faixa si existia só na fotografia abaixo.

O grupo pedia por intervenções na pracinha infantil, iluminação, paisagismo inteligente, câmeras de segurança, limpeza geral, ações educativas, etc., a fim de “trazer de volta nosso patrimônio”. Eu tomo essa expressão, aqui, como um sentimento quase que unanime em relação à Praça. A população deseja frequentar lugares “receptivos”, que as mantenham em contato com a natureza e calma em meio à movimentação frenética da urbe. Eu desejo

Figura 20 – Intervenção na Praça (setembro 2018)



Fonte: foto cedida por particular.

39 Funcionárias e funcionários da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos e outra empresa terceirizada.

40 Feriado estadual alusivo a Revolução Farroupilha, também conhecido como Dia do Gaúcho. No ano de 2018 o desfile em comemorativo passou pela Rua General Neto, ao lado Leste da Praça.

isso. E acreditam ser esta a função de uma praça: lazer, esporte, entretenimento, coisas legais em um domingo tedioso...

Mas se querem ela de volta, é porque alguém tomou.

– Quem tomou?

– Aaah, aquelas pessoas vagabundas que não querem procurar emprego!!!

E aí o sentimento muda. Tudo muda. Agora estão revoltadas(os) com esta movimentação que “enfeia” tanto a Praça – o nosso patrimônio. De mais ninguém.

A partir dessas questões que tornam a Geribanda “abandonada”, os órgãos públicos, em ação não inédita, sentem-se no dever e obrigação de realizar intervenções no espaço público, das quais entendo aqui como um processo de enobrecimento/gentrificação. Desde 1964, esse termo

tem sido usado para designar diferentes formas de intervenção urbana, que variam dos processos de “regeneração”, “reabilitação” ou “revitalização” de áreas ou sítios patrimoniais de alto valor histórico – sejam eles residenciais ou não – às práticas contemporâneas de reestruturação urbana em larga escala que criam áreas enobrecidas, sejam para abrigar empresas multinacionais nos chamados megaedifícios inteligentes, sejam para erguer condomínios residenciais de luxo para as classes médias e altas (Smith, 1996; Less et al., 2008 apud LEITE, 2010, p.74).⁴¹

Para Santos (2013), este fenômeno, a partir das alterações das dinâmicas da composição do local, afeta uma região ou um bairro, bem como novos pontos comerciais ou construção de novos edifícios, valorizando tal região e afetando a população local de baixa renda, uma vez que

em certos projetos de renovação urbana, as intervenções significaram uma perspectiva de atuação que passou a atender demandas de grupos de maior poder aquisitivo, ou o poder do mercado, contribuindo, muitas vezes, para uma elitização do contexto urbano da área central (SANTOS, 2013, p. 589).

Vou exemplificar dois momentos que, acredito eu, marcam esse processo no século 21.

1 – Transeuntes da Geribanda presenciaram, na virada do século 20 para 21, a tomada de tal espaço pelo comércio ambulante. Como já mencionei no primeiro capítulo, houve uma tentativa dos órgãos públicos de retirarem as(os) comerciantes da Praça Tamandaré em 2000, (re)movendo-as(os) para o camelódromo.

Acontece que, poucos anos depois, a Praça começa a ser novamente ocupada para os mesmos fins, pois ainda é um lugar com demasiado fluxo de

41 SMITH, Neil. **The new urban frontier: gentrification and revanchist city**. Londres/Nova York: Routledge. 1996; LESS, Loreta *et al.* **Gentrification**. Nova York, Routledge. 2008.

pessoas, chamando a atenção de quem precisa comercializar para se sustentar. Outro estabelecimento que passa a se apropriar do espaço da Praça nesse momento são os brechós beneficentes.

Figura 21 – Brechó beneficente no coreto da Praça em 2008



Fonte: Extraído de LEITE (2008, p. 29).

Atualmente, existem por volta de 15 brechós beneficentes autorizados atuando na configuração da Praça, conforme o relato de uma expositora. Ela ainda lamentou sobre o curto de período de tempo cedido pela licença que permite a sua presença no local, a cada quinze dias todas as expositoras e expositores precisam entrar em uma fila, às cinco da manhã, para solicitar novamente a licença. Os brechós beneficentes atendem diversas causas há anos. A expositora com quem conversei está lá há 12 anos. Eu me espantei, pareciam que tinham chego há pouco. O trabalho social dela envolve um centro espírita que ajuda moradoras(es) de rua.

Figura 22 - Brechós beneficentes na volta do coreto em 2018



Fonte: Capturada pela autora em novembro de 2018.

Além dos brechós, múltiplas(os) ambulantes ocupam os caminhos, calçadas e espaços da Geribanda, mais uma vez. Por exemplo, hoje são 17 carrocinhas⁴² vendendo comidas. Numa delas trabalha meu tio, há mais de 15 anos, onde sustenta sua família.

Figura 23 - Carrocinhas da Geribanda



Fonte: Capturada por Lara Delabay em novembro de 2018.

42 Das carrocinhas: 16 delas se movem e uma é fixa (que antes era uma banca de revistas e chip para celular).

Outro exemplo são “os senegaleses” – assim popularmente chamados – que se apropriaram da Geribanda há, aproximadamente, cinco anos atrás vendendo diversas mercadorias de origem duvidosa. A maioria que trabalha como ambulante são homens. O JA Ideias, que foi ao ar em 21 de novembro de 2016,⁴³ conta que cerca de 200 senegaleses(as) viviam em Rio Grande no ano de 2016. Estão no Brasil por uma qualidade de vida melhor para seus familiares que ficaram no Senegal, como conta Gora Wade na entrevista. O Projeto Geribanda pouco se aproximou dessas(es) comerciantes ambulantes que citei, pois não queríamos atrapalhar suas vendas ou importuná-las/los com perguntas/conversas que só beneficiariam a nós mesmos. Entretanto, as nossas observações revelaram uma praça viva e acolhedora (não que a concebíamos de forma diferente antes).

Navegando pelas redes sociais me deparei com o olhar sensível de Alisson Affonso sobre “os senegaleses”. Um texto acompanhado de uma ilustração feita em aquarela que aqui compartilho, com a autorização do autor.

43 Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/rio-grande/v/ja-ideias-mostra-a-realidade-dos-senegaleses-em-rio-grande-rs/5463782/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

Como vão as coisas, meu irmão?

Vi homens negros vendendo quinquilharias eletrônicas no centro da cidade, populares disseram que vieram do Senegal, outros de Guiné Bissau e toda a certeza que temos é que estão longe de casa. Gosto de viajar, mas o melhor momento pra mim é quando estou retornando, cruzando o Trevo a poucos minutos de voltar pra casa, aí no anseio de adrenalina de beijar e abraçar forte a filha que me espera, nunca lembro daqueles caras negros que provavelmente não terão essa sensação deliciosa de retornar. Você desce no principal terminal dos ônibus e lá estão eles na Praça Tamandaré, calados, com uma estranha habilidade de manter o olhar distante, chego a me perguntar se o horizonte é Guiné, Papua, Nigéria ou Senegal, mas ainda não perguntei pra eles, talvez seja o meu temor em ser invasivo ou mesmo a crueldade da minha bondade passiva que só emite um “oi” e nunca um, “ como vão as coisas, meu irmão?”

Alisson Affonso, novembro 2018



Figura 24 – Ilustração em aquarela

Fonte: Ilustração cedida por Alisson Affonso, novembro de 2018.

2 – Desde 2016, órgãos da Prefeitura Municipal elaboram o Projeto de Revitalização Praça Tamandaré. O Projeto, apresentado à comunidade dia 14 de dezembro de 2017 em audiência pública e noticiado na imprensa local de largo acesso raras vezes, pretende oficialmente:

- [a] criar um espaço qualificado no qual a população possa identificar-se e apropriar-se;
 - [b] Proporcionar um ambiente que não seja somente de passagem mas também de contemplação, lazer e cultura;
 - [c] Preservar a memória do local resgatando a sua essência;
 - [d] Criação de estratégias que favoreçam a segurança dos cidadãos.
- (apresentação em PowerPoint feita na 12ª Audiência Pública da Câmara Municipal do Rio Grande, 2017, no prelo).

Antes mesmo da audiência, dia 11 de agosto de 2017, o site da Prefeitura da cidade divulga a seguinte reportagem:

A Prefeitura do Rio Grande iniciou esta semana **uma série de ações de higienização e embelezamento** dos lagos da Praça Tamandaré. A atividade está inserida no processo mais amplo de revitalização do espaço. O projeto multidisciplinar, está sendo finalizado por técnicos de diversas secretarias municipais e analisado pelo executivo municipal. O projeto prevê atividades de paisagismo e lazer, recuperação dos monumentos históricos, replantio de plantas nativas e reestruturação dos canteiros e gramados, reestruturação do parque infantil e ainda, melhorias nos banheiros (grifo meu).⁴⁴

Eu imagino a comunidade lendo esta reportagem e pensando “já estava mais do que na hora, senhor Prefeito”. Agora, pretendo destrinchar as entrelinhas e refletir sobre quais concepções têm norteado tais intervenções na Praça, através da ATA da 12ª Audiência Pública - Melhor utilização da Praça Tamandaré (anexo A).

Sem delongas, gostaria de começar com a fala do Secretário Dirceu Lopes:

Temos um **resgate histórico** e um desafio de uma dívida, não é de agora, é uma dívida que vem se perpetuando no tempo com a Praça Tamandaré, e há uma definição por parte do Governo Municipal do Prefeito Alexandre e do Vice Renatinho de nós **buscamos soluções para colocar novamente a praça a serviço da comunidade**, ela tem que ser um espaço de **convivência**, um espaço de **lazer**, um espaço em que a comunidade se sinta **segura**, que a comunidade possa usufruir da praça como um bem que ela representa hoje, que é um campo ambiental, que é no campo das relações sociais, que é no campo lazer ou do próprio turismo [...] (Câmara Municipal do Rio Grande, ATA Nº. 012/2017, grifo meu).

E um momento seguinte, ele salienta que

nós temos uma riqueza de detalhes da praça muito grande, ela precisa ser valorizada o processo de construção pelos arquitetos ele obedeceu uma questão histórica da praça, **ele obedeceu o motivo de seu nascedouro**,

44 Disponível em: <<http://www.riogrande.rs.gov.br/revitalizacao-da-praca-tamandare/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

ele levou em conta o histórico e a história que a praça foi construída e tem **muitos protagonistas que usam esse espaço e**, portanto nós temos que discutir sim como ele vai ser melhor aproveitado, a ideia é que a gente comesse e não pare (Câmara Municipal do Rio Grande, ATA Nº. 012/2017, grifo meu).

A próxima fala que trago aqui é da Arquiteta e Urbanista Juliana Mühlenberg Soares, que reforça as mesmas ideias já citadas:

atualmente então **nós nos prendemos ao caráter histórico**, a possibilidade de **contato com a natureza** e a **centralidade** da praça, além disso nós identificamos com os levantamentos as três principais atividades realizadas na praça que seria a circulação, atividades de lazer e o transporte público (Câmara Municipal do Rio Grande, ATA Nº. 012/2017, grifo meu).

A Arquiteta relata que foi necessário identificar os problemas do lugar para aí, desenvolver soluções. De acordo com a apresentação feita em PowerPoint⁴⁵, as problemáticas encontradas são:

1. Acúmulo de edificações em desuso e/ou sem planejamento e padronização
2. Ausência de acompanhamento técnico
3. Ausência de espaços qualificados de permanência e lazer
4. Espaços ociosos
5. Falta de acessibilidade
6. Falta de hierarquia das vias
7. Falta de valorização de pontos de interesse
8. Falta de visibilidade
9. Intervenções inadequadas de vegetação
10. Utilização inadequada do espaço público
11. Zonas de insegurança

A partir do diagnóstico dos problemas encontrados, foi planejado, portanto, a elaboração de 11 subprojetos para o Projeto de Revitalização da Praça, de acordo com o PowerPoint:

1. Recuperação do lago
2. Caminhos

⁴⁵ Apresentação em PowerPoint feita na 12ª Audiência Pública da Câmara Municipal do Rio Grande, 2017, no prelo).

3. Playground
4. Academia ao ar livre
5. Canteiros | arborização
6. Edificações
7. Monumentos
8. Largo do bonde
9. Circuito de integração
10. Proposta de cores
11. Infraestrutura geral

Demolir, remodelar, arrancar, pavimentar, pintar: o Projeto resulta em uma mudança na configuração da Praça através da revitalização. As colocações do Secretário e da Arquiteta, bem como as propostas do projeto em si me fazem refletir sobre simples questões. Qual é a história que se pretende resgatar? Fica tão claro que ignoram a história da Geribanda e a memória negra dela, pois, quando a Professora Beatriz mencionou em “criar um memorial, para mostrar na praça as histórias desses negros e negras para a criação da cidade e cujos vestígios estão enterrados na mesma” (Câmara Municipal do Rio Grande, ATA Nº. 012/2017), foi como se ela não tivesse, sequer, aberto a boca. Ninguém relevou. Mas conhecem a real história da Praça, só querem apagar. E dar, ainda mais, mais evidência para uma história que não faz parte do tal “nascidouro”, de jeito nenhum. A Geribanda nasceu bem antes.

Outra questão evidente é de que o comércio ambulante simplesmente desaparece da Praça. A insignificância destes grupos para quem planejou a revitalização é tamanha que sequer levantam essas questões para serem debatidas. A fala do Vereador Júlio Cesar (Câmara Municipal do Rio Grande, ATA Nº. 012/2017), onde informa “ter encaminhado para o prefeito uma sugestão de criação de um novo centro de comércio informal para que assim os imigrantes que hoje trabalham na praça possam ter um espaço fixo para desenvolvimento de suas atividades” me parece uma tentativa de disfarçar uma presença indesejada na praça: a imigrante.

Não precisamos de muito tempo observando tais imigrantes na Praça, mais conhecidos como senegaleses, para perceber atitudes xenofóbicas. É uma distância tão grande, que durante as ações do Projeto Geribanda, algumas pessoas estavam

carregadas de discursos xenofóbicos. Nós aqui e eles lá, sem mistura. Mas o mais interessante é que quando alguns vinham conversar conosco o primeiro assunto era sobre a família e o País que ficou para trás, em seguida vinha: “o Brasil é muito bom”. Como assim? Seriam eles seres humanos evoluídos? Com capacidade de serem receptivos, sem precisar ofender outras pessoas? Espera aí, tem outra coisa mais interessante: ao mesmo tempo em que ouvíamos e víamos ações excludentes e discriminatórias, tocava na rádio da Praça uma campanha sobre o dia da(o) imigrante com uma frase marcante: “braços abertos sem medo de acolher”. Na hora pensei: que medo?⁴⁶

Na fala do Vereador Rafa Ceron (Câmara Municipal do Rio Grande, ATA Nº. 012/2017), ele aponta sobre “a implantação de um palco para trazer cultura e música para dentro da praça”. Mas e o Coreto? Uma figura em potencial para propiciar a interação com todas as culturas que frequentam a Geribanda. Vale ressaltar que houve uma retomada da área do Coreto da Praça Tamandaré como espaço para manifestação artística em 2015. O “Arte na Praça” foi um encontro cultural onde qualquer pessoa estava livre para se manifestar artisticamente da forma como bem entendesse. Em matéria para o Jornal Agora, organizadoras(es) contam que a primeira edição do evento foi em maio de 2016 e recebia o nome de “Artistas: a praça é nossa”. A área do coreto foi propositalmente selecionada para sediar o evento, uma vez que a finalidade de “ser palco” não é frequentemente exercida. Diversos artistas locais participaram das ações.⁴⁷ Atualmente não existe mais tal ação.

As “melhorias” serão para todos os grupos usuários da Praça? Obviamente não. Permaneceram os de caráter identitário para a cidade, que constituem a memória local – a memória mais bonita de se preservar. E as “melhorias” para as pessoas que concebem a Praça mais do que um lugar de lazer, mas como um *lócus* de moradia, trabalho e ou sobrevivência, quais serão? As propostas são destinadas a um lazer específico, numa concepção de que ele não está sendo exercido, justificando a tal reapropriação do espaço pela comunidade.

46 Trata-se de uma campanha de instituições que trabalham com a causa migratória. Disponível em: <<http://www.arquidiocesepoa.org.br/single-post/2018/06/12/Bra%C3%A7os-abertos-sem-medo-de-acolher-%C3%A9-o-lema-da-Semana-do-Migrante>>. Acesso em: 25 de nov. 2018.

47 Ver a edição do Jornal Agora de 12 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/00033797582c343636d8f>>. Acesso em: 25 de nov. 2018.

Além do apagamento de mais da metade da memória desta cidade, temos presente nos discursos de revitalização e retirada total dos canteiros de bambus/taquaras⁴⁸ da Praça, bem como a supressão da vegetação na perspectiva que a falta de visibilidade equivale a insegurança. Em relatos de transeuntes durante as ações educativas nas escavações da Praça, soubemos das importâncias das taquaras/bambus para as religiões de matriz africana. Na expectativa de saber a relação desta planta com esta religião, conversei com o líder religioso Paulo de Xangô, da Nação Cabinda que me relatou sobre a utilização as taquaras para fazer o axé de Iansã. Este encontro aconteceu ao acaso, enquanto participava de uma reunião⁴⁹. Já em Rio Grande, encontrei o Jean Piraine, praticante do culto aos orixás de Nação Jeje em Rio Grande desde 2007 que relatou, de forma escrita, o seguinte:

O bambu é uma planta associada ao orixá do panteão africano Oya/Iansã. Essa relação se dá, pois o bambu é uma das poucas árvores que se mantém de pé diante da fúria de Iansã, senhora dos ventos e das tempestades.

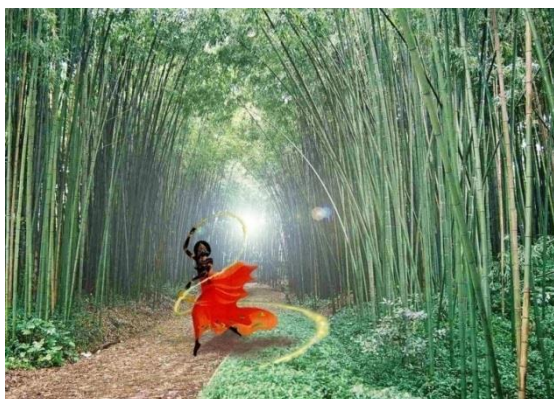
Não existe tempestade capaz de quebrar um bambu, que pode até se dobrar, mas jamais se quebra. Assim é um/a filho/filha se Iansã na vida.

Logo, manter bambuzais é uma forma de manter recantos de adoração e destino de oferendas a essa divindade tão importante para a cultura afro-brasileira.

A cultura afro-brasileira é bem vasta e seus preceitos estão veiculados à natureza. Logo, todo orixá possui uma grande variedade de plantas e árvores veiculadas a seu culto específico, onde se encontram figueiras, palmeiras, bambuzais, por exemplo.

Portanto, é de extrema importância para essa cultura milenar, que essas estruturas naturais permaneçam preservadas (PIRAINE, 2018, no prelo).

Figura 25 - Iansã no bambuzal



Fonte: Google Imagens.

Figura 26 – Corredor principal de taquaras da Geribanda



Fonte: Capturada por Lara Delabary. Novembro 2018.

48 Durante esta pesquisa eu vou me referir ao termo “taquara” por me ser mais familiar. Eu não sei qual a forma correta de chamar e nem a procedência da planta.

49 Reunião do Projeto de Extensão “Terra de Santo: Patrimonialização de terreiro em Pelotas” do GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos e Urbanos do Departamento de Antropologia e Arqueologia /ICH-UFPel).

Figura 27 - oferenda nas taquaras

A figura ao lado representa uma oferenda entregue para Iansã ou Bará, pois, como me explicou Mariana Fernandez, esses são os dois orixás que se enfeitam de vermelho (cor do plástico). A cor da bandeja (prata) é cor de Iansã, já a pipoca é comida do Bará.



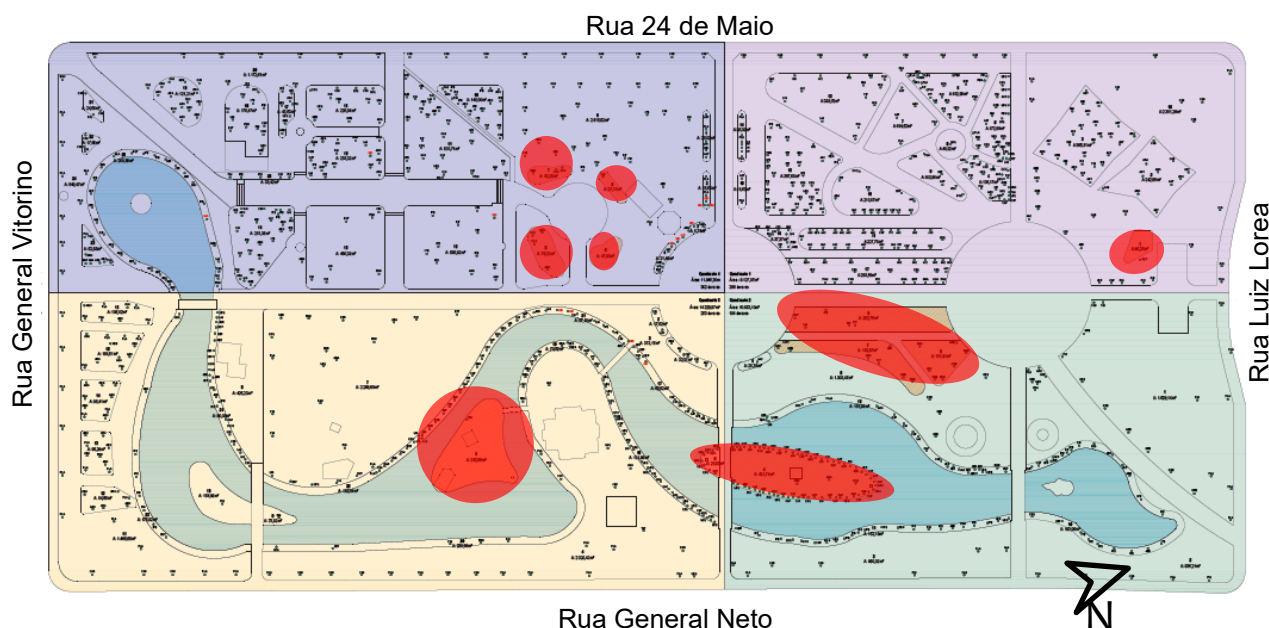
Porém, como Bará é o orixá dos caminhos, geralmente

Fonte: Capturada por Célia Maria Pereira em março de 2015. Acervo fotográfico digital do Laboratório de Arqueologia do Capitalismo.

se entregam oferendas em encruzilhadas. Restando poucas coisas da oferenda, permanece a dúvida de sua real intensão, porém a certeza de que os canteiros de taquaras estão atrelados com rituais de religiões de matriz africana.

Jean, como muitas outras pessoas, não sabiam do Projeto de Revitalização e menos ainda da retirada das taquaras, prevista pelo mesmo. A primeira intervenção do Projeto Geribanda foi nas taquaras, em maio de 2018. Nós as decoramos com recados e fitinha laranja para mostrar que nos importamos com o futuro desaparecimento delas. Tentamos alertar quem passava por lá sobre as intensões da revitalização. Nos dias seguintes, colocamos uma urna com um cartaz “deixe aqui sua opinião sobre a possível retirada as plantas” e não deu outra. Todas as pessoas que paravam para conversar se mostravam contra. Das que quiseram escrever foram 17 pessoas, mas a maioria gostava mais de conversar. Aprendemos muito sobre parasitas e qual o melhor ladrilho para não deixar as árvores morrerem. De qualquer forma, quando a informação sobre a revitalização chega à comunidade, ela vem cheia de promessas encantadoras, como discordar?

Figura 28 - Planta baixa da Praça com o levantamento dos canteiros de taquaras



Fonte: Secretaria de Município do Meio Ambiental da Prefeitura Municipal do Rio Grande. Adaptado pela autora.

Acima está a planta baixa com o levantamento de árvores da Praça elaborada pela SMMA.⁵⁰ Em vermelho eu frisei os canteiros de bambus (como identificado na planta) existentes, até então, na Praça. Vale dizer que o canteiro identificado pelo círculo vermelho maior (quadrante Sudeste) já não existe mais. As intervenções da revitalização já iniciaram, começando pela manutenção do lago, pintura e agora a supressão vegetal.

Um dia chegaremos lá e onde estará “de volta o nosso patrimônio”? Nesta situação o que significa “o nosso patrimônio”? Imagine-se chegando em casa e a vizinhança desapareceu com seu pet porque ele falhou em mantê-la segura (como se essa fosse sua função). Você gostaria de ter que ser obrigada a adotar ou aceitar outros pets pela volta?

Outras duas questões que valem ressaltar: [1] O Projeto Geribanda entrou em contato com a SMMA a fim de esclarecer as intensões da supressão e saber mais sobre um questionário aplicado pela Secretaria.⁵¹ Fomos gentilmente recebidos pelo Secretário Adjunto Luiz Arthur Nunes Filho que nos explicou que estavam realizando um levantamento fitossanitário, georreferenciando as árvores da Praça e

⁵⁰ Secretaria de Município do Meio Ambiental da Prefeitura Municipal do Rio Grande.

⁵¹ Ficamos sabendo deste questionário enquanto pausávamos uma atividade na Praça para almoçar no Restaurante Universitário da FURG. Hora certa no lugar certo.

diagnosticando para supressões, podas, transplantes e manutenção. Seguindo as diretrizes do Plano Diretor de Arborização Urbana, segundo a Lei Municipal 6832/2009. Tais diretrizes, segundo Luiz, indicavam que são permitidas 70% de espécies nativas e 30% exóticas nas praças da cidade. Por exemplo, as Aroeiras são exóticas e consideradas pragas, então devem ser suprimidas e os Plátanos em grande maioria estavam comprometidos ou podres e deveriam ser controlados. Luiz mencionou que a intervenção realizada por nós nas taquaras e árvores (que são exóticas), estavam surtindo efeito, pois a Secretaria recebera ligações da comunidade em geral pedindo satisfações, bem como integrantes de religiões de matriz africana. Luiz se mostrou convencido de que não poderiam ser feitas modificações na Praça sem respeitar a comunidade que a usa, sendo as taquaras apenas controladas e podadas, mas, infelizmente, existem outras pessoas e órgãos envolvidos na revitalização (o que chamam de Matriz).

[2] A SMMA aplicou, em abril de 2017, um questionário (anexo C) na Praça que totalizou 130 participantes⁵². Nós tivemos acesso aos questionários respondidos (porém só vieram 108 na pasta) para analisar os dados em um programa estatístico, porém a amostra é pequena para gerar um resultado eficaz e digno de ser usado como justificativa de ter consultado a comunidade. Na manhã de 26 de novembro de 2018, o Secretário municipal de serviços urbanos deu entrevista ao Jornal do Almoço da cidade onde disse que o Projeto de Revitalização, apresentado em Audiência Pública, tem um roteiro que está sendo “seguido fielmente, e mais, foi precedido de uma pesquisa dos usuários da praça [...] e uma das pesquisas feitas pela Secretária de Meio Ambiente apontou que era necessário, para aquela população entrevistada, que muitas das árvores fossem suprimidas ali da Praça Tamandaré” (Reportagem JA Ideias com Dirceu Lopes⁵³). Como falei acima, usar este questionário como justificativa é extremamente equivocado. Além de ser um questionário com respostas direcionadas, é uma pesquisa falha, sem apresentar resultados concisos e coerentes. Como chegaram à conclusão de que a população (108 pessoas) acha necessário a supressão vegetal? Uma vez que está pergunta não consta no questionário. Se me parassem na rua e perguntasse “Como você

52 Conforme o Relatório de Estágio Obrigatório de Angelica Leivas Pereira. Curso de Geografia, 2018. Cedido pela SMMA.

53 Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7188347/?fbclid=IwAR3M-zGeRGcCn8aUzCHI8T51VpDyqpTWBRRpg7t6tHPEkcrGI36IYjzMDGk>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

classificaria a arborização da Praça Tamandaré?” eu marcaria “suficientemente arborizada”⁵⁴, mas isso não quer dizer que eu concordo com todas as intervenções do Projeto de Revitalização, inclusive a retirada de todos os canteiros de taquaras.

Nós entendemos as demandas da SMMA. A Praça é farta em árvores, o levantamento citado a cima constatou 1.047 indivíduos com mais de 50 espécies diferentes e muitas delas estão com necrose – mortas por dentro, como explicou Luiz. Entretanto, eu não preciso ser integrante de alguma religião de matriz africana para me sensibilizar com o relato do Jean. Ninguém precisa. Mas o que está por vir é assustador, fazendo-me lembrar de que, para Leite (2010), uma das importantes repercussões das políticas de enobrecimento revela-se na concepção de um espaço público ordenado, higienizado e minimizado de seus aspectos conflituosos. Nesse contexto “o patrimônio é cada vez mais apresentado como a expressão material de uma ideia pacífica de espaço público, construído com base em uma suposta ideia de passado comum e de tradições compartilhadas” (LEITE; PEIXOTO, 2009, p. 94). Entretanto, a noção de um espaço público pacífico deixa de fazer sentido, pelo menos para a Geribanda, quando entendo, aqui, o espaço público como uma “a uma categoria analítica da sociologia que o vê como um espaço interativo construído a partir das interfaces entre *espaço* e *ação*” (LEITE, 2010, p. 84). Sendo assim, como pode o espaço público ser pacífico? Este espaço é idealizado e está supostamente perdido, sendo urgente recuperar (LEITE e PEIXOTO, 2009).

Para contrapor a percepção de que a Praça da Geribanda não está sendo utilizada pela população – e quando está é como um lugar de passagem, trago Leite (2010, p. 85) para afirmar que

como espaço de poder, o espaço público é *locus* de pertencimentos, com possibilidades diversas de vínculos e atribuições de significados; e não está obviamente imune às assimetrias do poder e das desigualdades sociais que perpassam sua construção social.

Se a Praça é um espaço de poder, logo é um espaço de resistência. Durante as vezes que estive observando a Praça, quase todas elas com o Projeto de Extensão, era visível sua pluralidade de sujeitos, costumes, crenças... Diferentes grupos a ocupam e a constroem dia a dia. Ainda que a Praça tenha um projeto pensado para um determinado grupo social (o dominante, mais uma vez), logo,

54 A pergunta e resposta fazem parte do questionário aplicado pela Secretaria de Meio Ambiente na Praça. (ver anexo C).

excluindo outros grupos, esses, mesmo assim, acabam adentrando a Praça. O que eu entendo por formas de resistências.

3.5 Manifesto das (re)existências

Agora, embasada pela perspectiva de González-Ruibal (2008), apresento um manifesto do que não pode ser dito. “Como tem sido apontado até então, a Arqueologia é sobre a memória e presença” e **evocar presença** talvez seja o ato político mais forte que uma Arqueologia das ações destrutivas da supermodernidade pode executar (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008, p. 259).

3.5.1 Posso te contar uma história?

Eu sabia que as taquaras ecoavam o barulho dos ventos – ouvi-las é tão prazeroso quanto ouvir o barulho das ondas do mar – mas não sabia que elas falavam. Descobri no último verão, enquanto vagava pela Geribanda “atrás” de um problema para esta pesquisa e ouvi me chamarem pelo nome. De alguma forma eu sabia que aquela voz saía delas, e não de alguma pessoa conhecida acenando para mim.

– Oi! Como sabes meu nome? – indaguei.

– Estive aqui te analisando enquanto estavas conversando com transeuntes. Ouvi quando falaste que tu te chamas Yasmin – respondeu-me a taquara.

– Sim. Estou aqui há algum tempo, observando o cotidiano da Praça.

– Eu não costumo falar com vocês [humanos], porém, a situação atual me preocupa. Antes de te contar o que está acontecendo comigo e com minhas irmãs, gostaria de contar nossa história.

Curiosa, apenas me dirigi ao banco mais próximo, sentei e ouvi.

– Tudo começou quando eu e minhas irmãs viemos para cá. Não sei de onde somos, pois éramos pequenas mudas quando nos plantaram aqui. Havia pessoas que cuidavam de nós. Elas nos alimentavam. Eram, em sua maioria, pessoas negras. Um senhor que nos regava regularmente sempre conversava conosco. Foi a primeira vez que conversei com um humano. Ele contava a história dessa praça antes de chegarmos aqui. Foi o humano mais sábio que já conheci, o Amir.

– O que ele contava, exatamente? – perguntei.

– Ele nos contava de suas vivências aqui nesse lugar. Desembarcou no Porto ainda criança com seus pais e duas irmãs, todos negros livres. Cresceu nas ruas da cidade, quando mais jovem, vinha aqui diariamente buscar água para sua mãe, que trabalhava em quitandas próximas daqui. Também vendia água no comércio com seu pai e acompanhava suas irmãs até os lagos para lavarem roupas... Ah, esse era o momento que ele mais gostava, pois podia conversar com Aziza, uma jovem negra escravizada, seu primeiro amor. Amir tinha uma coisa engraçada, sempre repetia as histórias, mas nós nunca deixamos de prestar atenção, como se fosse a primeira vez. Ele foi preso algumas vezes por embriaguez e desordem, dizia que a noite era quando esse lugar ficava mais movimentado. Adorava encontrar os amigos, mas muito nos lamentava a morte de um causada por afogamento em uma das lagoas que aqui se formavam pelas chuvas, no dia 25 de setembro de 1874. Depois de nos relatar este fato, seu tom da voz sempre mudava, era uma mistura de culpa, saudade e choro e em seguida vinha a parte em que a antiga Geribanda nunca mais foi a mesma.

Nesse momento eu sentei e passei a encará-las. E continuaram:

– “Os patrão”, como se referia Amir, começaram a investir em melhorias para a Praça, pois era um lugar coberto de areia e sem nada bonito. Amir trabalhou na construção do lago e na plantação de árvores, por isso conversava tanto conosco. Pedia para que vingássemos sobre o areal, inclusive nos prometeu ensinar capoeira se o fizéssemos... Mal imaginava ele que nós já sabíamos, aprendemos a bordo. Mas ele foi tão gentil, que crescemos inspiradas em seu carinho. E ele nos ensinou, tirava o chapéu e os calçados e adentrava nosso meio. Seus pés tinham muitos calos e sempre que eles nos pisoteavam, durante a luta, sentíamos o peso da trajetória de Amir e a leveza com que encarava a vida. Nós sentimos tanta falta dele. Soubemos o exato momento em que ele partiu e a partir de então decidimos lutar capoeira todos os dias, em sua homenagem. Estamos sempre em movimento e ecoando as cantigas que ele nos ensinou. Pare de chorar! – exclamaram.

– Tudo bem! – respondi. Mas por que vocês estão preocupadas?

– É simples. Estamos preocupadas porque já percebemos grupos de pessoas estranhas andando ao nosso redor dizendo que sairemos daqui. O que nós fizemos de errado?

Não espantada, perguntei: – Vocês viram se elas vestiam algum uniforme de trabalho ou identificação?

– Desculpe Yasmin, mas nós não vemos nada.

Completamente desentendida, perguntei: – Então como vocês sabem de tantas coisas?

– Nós não precisamos da visão para “enxergar” que você veio em buscas de respostas hoje. Andou várias vezes pelo mesmo lugar (você cheira a gato, inclusive!) fez anotações, bateu a caneta nos dentes e mandou mensagem de voz para suas amigas te ajudarem com suas indagações. Por que você está nos observando? Saiba que algumas pessoas já te notaram. Passaram por aqui dizendo que, ultimamente, você vem todos os dias, caminha, fotografa e anota.

– Essa Praça é meu objeto de pesquisa – respondi.

– Então você pode nos ajudar! – exclamou. Nós não queremos desaparecer, abraçamos tantas pessoas, depois de Amir.

Eu concordei sorrindo e percebi, na mesma hora, que suas movimentações mudaram. Para mim, viria chuva, para elas Seu Amir chegara para mais uma luta de capoeira. E para Jean, lansã estava presente.

Alguns dias depois da primeira demolição para as obras de revitalização, que ocasionou a retirada de um canteiro de taquaras, voltei à Geribanda com uma foto (que por coincidência fora tirada mirando o canteiro que tinha acabado de ser destruído) e fiz minha homenagem à presença das taquaras na Praça.

– Nós sentimos saudades de nossas irmãs! – foi a única coisa que me disseram dessa vez.

Figura 29 - Canteiro de taquaras no início do século 19



Fonte: Capturada por mim com auxílio de Antonielle Ferreira Cardoso.

3.5.2 Uma Pseudo Exposição

Nas páginas a seguir você encontrará uma exposição de fotográfica como o segundo manifesto. São cinco (irônicas) sessões com algumas fotos e a descrição. As figuras desta parte do trabalho **não** estão da Lista de Ilustrações. Todas as fotos foram tiradas por mim e pela Lara Delabay em 2018. É pseudo, pois não saiu deste papel até o momento da defesa. No mestrado, quem sabe...



para trabalho



para trabalho

5. Como você faz uso da Praça Tamandaré?

- para descanso e lazer
- para mobilidade
- para esperar transporte urbano
- todas as respostas anteriores

Questionário da SMMA (anexo C)



para descanso e lazer



as vezes para cortar o cabelo



“Passei por lá esses dias e parecia um campo de batalha. Um campo minado.”

(Uma das responsáveis pelo Projeto de Revitalização, 2018)





Em 08/10/1838, o Juiz de Paz de Rio Grande informava ao Presidente da Província que, tendo saído à noite para exercer funções policiais pelas ruas da cidade, encontrou “o sossego e tranquilidade pública inteiramente alteradas” devido a “multidão de negros e negras cativos pelas ruas e tabernas, como por vadios turbulentos” (OLIVEIRA, 2009, p. 5).





H
O
M
E
N
A
G
E
N
S





O dia em que as taquaras falaram

(RE)EXISTIR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer deste trabalho me centrei em compreender como o espaço da antiga Geribanda foi reconfigurado e, a partir disso, provocou à exclusão de grupos sociais. Propus reflexões e levantei questionamentos sobre o discurso legitimador de tais ações: o processo de higienização social que varreu da Praça da Geribanda para as margens da cidade os grupos que nela habitavam/frequentavam/transitavam no final do século 19 e início do século 20. A modernização exigiu a remodelação da urbe e o combate às doenças, à insegurança e à promiscuidade em que viviam a população mais pobre. Higiene (hygiene) e embelezamento (embellesamento) viraram palavras de esperança para os governos que, embasados no pensamento higienista, adotaram políticas públicas de saneamento e higienização. Passaram a limpar corpos, ruas, praças e casas.

Para dar conta deste problema, realizei uma análise dos relatórios da Câmara Municipal do Rio Grande e das fotografias, ambos do final do século 19 e início do século 20 e percebi que o processo de higienização, que caracterizou o século 19, surtiu em sujeitos política e intencionalmente esquecidos das histórias ditas oficiais. A construção da memória coletiva da cidade de Rio Grande (mais especificamente da Praça), além de ter sido pensada pelos grupos dominantes, atuou no apagamento completo dos passados de grupos subalternizados. Foi uma escolha. Suas existências na Geribanda foram apagadas, suas histórias e memórias não foram registradas, logo não nos foram contadas.

Os processos de exclusão de sujeitos ocorridos na Praça da Geribanda do passado ainda ocorrem na Praça do presente (por isso, passado-presente) e foram naturalizados. Esta afirmação ficou visível quando analisei a ATA Nº. 012/2017 da Câmara Municipal do Rio Grande e percebi que o atual Projeto de Revitalização da Praça Tamandaré não prevê a permanência dos grupos que habitam/frequentam aquele lugar nem respeita as diferentes formas de uso que esses grupos atribuem a Praça. Desconsiderando suas existências. Conferi essas ações ao processo de gentrificação social, através de Leite (2010), que muito se assemelha com as políticas higienistas do século 19.

Entendo, portanto, que a tênue diferença entre os dois processos está na forma como a burguesia o explana em cada época. Por exemplo, no contexto do século 19 se falava abertamente sobre questões morais atreladas a higiene, pois a

sociedade recém saía de um contexto escravista e se constituía em uma sociedade burguesa e capitalista. Lima (1996), ao trabalhar com equipamentos destinados à higiene e aos cuidados corporais, aponta que a sociedade escatológica (escravista) “expôs sem pudor a perversão de seu ideário, [...] o deslocamento de fluidos do interior para o exterior do corpo, encarado com naturalidade e tolerado durante o período escravista, passou a ser objeto de extrema repugnância” (Ibid., p. 87), com a ascensão e o fortalecimento da burguesia. Por mais que, segundo Lima (1996), a ideologia de higienização é uma das mais consequentes e eficazes estratégias para a sustentação do vitorioso projeto de hegemonia burguesa, resquícios do pensamento escravista ainda permeiam os discursos, como podemos ver nos relatórios da Câmara Municipal. No contemporâneo, percebemos o mesmo discurso, porém velado e sutil, já que não mais se explana abertamente sobre o que se considera sujo, imoral, indesejado e suas ligações com a pobreza.

Eu poderia colocar os discursos (dos relatórios e a da ATA Nº. 12/2017 da Câmara Municipal) lado a lado e a maior diferença entre eles seriam os anos que se passaram, pois o processo ainda é o mesmo. As abordagens teóricas, discutidas no capítulo dois, possibilitaram trazer outros pontos de vista daquilo que é naturalizado. Conceber o tempo de forma percolante (WITMORE, 2006; OLSEN et al. 2012) propiciou, me referindo à Geribanda, entender que aquilo que aconteceu antigamente ainda está presente. Não ficou no passado, nem está se repetindo. É, simplesmente, **a mesma história em diferentes contextos** – e o recente período eleitoral me fez ter mais convicção. As justificativas são as mesmas: trazer melhorias para a população riograndina, porém, uma vez que vivemos em uma estrutura social de classes, hierarquicamente organizada, deixo aqui a pergunta que norteia este trabalho: fazer melhorias para quem?

As boas intenções de revitalizar a Praça de novo trazem à tona, no fundo, práticas excludentes que, através de um pensamento higienista, transformaram a Geribanda em um lugar onde pessoas bem incluídas na sociedade iam passear com suas famílias. Acredito que os projetos arquitetônicos não são inocentes, pois são feitos para grupos específicos. Por exemplo: retiraram as pessoas da Geribanda e a transformaram em um espaço fabuloso com inspirações de outros países, construindo, portanto, uma praça para elite. A mesma se apropria dela por um momento, porém outros grupos ressignificam a Praça, mudando o uso do qual ela foi construída.

Compreendi que todos os discursos (do passado-presente) silenciam e excluem usuários e usuárias que frequentam a Praça diariamente. Entretanto, eu não quero *bater na tecla* de uma praça de pessoas excluídas ou entender a mesma como um lugar de exclusão. Chega de exclusão! A Praça é nossa. Se as políticas públicas, recheadas de “qualificações” do espaço, geram o silenciamento e apagamento de pessoas e suas memórias, então que gritemos. A partir disso, concebo a Praça como um espaço de resistência.

A resistência manifesta-se de diversas formas. Ora em grandes manifestações como a que aconteceu no coreto da Geribanda dia 29 de setembro de 2018, lideradas por mulheres em prol do movimento “#EleNão”. Ora de formas sutis, que passam despercebidas, como retornar às ruas depois de terem suas mercadorias chutadas e apreendidas pela fiscalização. Tive de me esforçar para percebê-las e depois estranhá-las. A forma como concebi a resistência dos grupos desfavorecidos da Praça da Geribanda, para este trabalho, foi a **permanência** e a **apropriação** daquele espaço, dia após dia.

Pode nos parecer simples, uma vez que esta não é nossa realidade, mas quando se tem uma ordem de poder que visa a retirada destes grupos, a apropriação e permanência no espaço se tornam a própria manifestação de suas (re)existências – visto que estes grupos estão na Geribanda há mais de dois séculos.

Quase **todos** os trabalhos que li (e precisei citar) sobre a Praça Tamandaré invisibilizaram, de alguma forma, grupos menos favorecidos (por exemplo: comerciantes ambulantes e moradoras(es) de rua), com a justificativa de que tornam a Praça suja e até sufocante (?). Esses trabalhos refletem, portanto, o que muitas pessoas sentem em relação a situação atual da Praça. Estão elas indignadas com o abandono da mesma pelos órgãos públicos, e eu também estou, histórias, como a da Geribanda, foram abandonadas. Tão esquecidas que nem nos damos conta que ainda estão presentes por toda Praça: na volta do Coreto, nos pixos do Bento, no cochilo nos bancos, no lanche durante o intervalo, nas tendas e roupas dos brechós ou na saudade da família que ficou no Senegal.

Por fim, minha inconclusão: em algum momento desesperador eu recebi a seguinte mensagem: “Manter a calma. Respirar fundo. Fazer o seu melhor e acreditar que vai dar tudo certo” (essa vai sem fonte, pois pertence a outro mundo: o virtual). Talvez essas palavras digam mais sobre mim do que sobre a trajetória

desde trabalho – ou não). Diante das n dificuldades pessoais em que me deparei neste ano (e na vida) está a falta de confiança em mim mesma, que eu diria ser a mais autodestrutiva. Ela me faz chorar de medo antes mesmo de tentar. Mas eu tentei. Tentei pôr em prática o que aprendi nesses anos de graduação. Não foi fácil – diante das tais dificuldades – mas me sinto grata pela oportunidade, pois, mais do que Arqueologia pura e dura que revira a terra, discutimos dentro e fora da sala de aula sobre política, humanidade, empatia, resistência, afeto, união, luta... Elementos que são (ou deveriam ser) parte de todas as ciências.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manuel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BITTENCOURT, Enzo da Rocha. **Da Rua ao Teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional**. 2ª ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.
- COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tânia Mara Galli. Do Contemporâneo: o tempo na história do presente. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro: UFRJ. CFCH, Instituto de Psicologia. 2007.
- COSTA, Maria de Lourdes Gonçalves da. **De Geribanda a Tamandaré: uma praça na história da cidade do Rio Grande no século XIX**. Monografia (Graduação em História Bacharelado) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, 2008.
- COSTA, Vanessa Avila. **As trabalhadoras resistem: uma arqueologia das mulheres operárias da Fábrica Rheingantz (1884 – 1919)**. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.
- CRAM, Anélia Ana Alexandre. **Praça Tamandaré Uma dicotomia espacial entre o lazer e a terceirização**. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia Bacharelado – Universidade Federal do Rio Grande, Departamento de Geociências, Rio Grande, 1996.
- CRUZ, Gisele Thiel Della. **As Misérias da cidade: população, saúde e doença em Rio Grande no final do século XIX**. Dissertação (Mestrado em História das Populações) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. **Ciência e Cultura [online]**. Vol. 65, n.2, pp. 23-25. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252013000200010>>. Acesso em: 15 de nov. 2018.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. The Past is Tomorrow. Towards an Archaeology if the Vanishing Present. **Norwegian Archeological Review**. V.39. N.02, 2006.
- _____. Time to destroy. An archeology of supermodernity. **Current Anthropology**. Vol. 49 (2), p. 247-279, 2008.
- _____. Hacia otra arqueología: diez propuestas. **Complutum**, Vol. 23 (2), p. 103-116, 2012.
- _____. Supermodernity and Archaeology. In C. Smith (ed): **Encyclopaedia of Global Archaeology**. New York: Springer, p. 7125-7134, 2014.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. Redes de poder na América Portuguesa: O caso dos homens bons do Rio de Janeiro, ca. 1790-1822. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 18, n. 36, p. 297-330, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 de nov. 2018.

HISSA, Sarah de Barros Viana. **Tempo e Arqueologia: experiências materiais e imateriais de Antártica**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

JULIANO, Ingrid Brayer. **Plano Diretor Participativo do Município do Rio Grande 2008 e suas margens de participação popular**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

LEITE, Cilene Gonçalves. **Agentes e Patrimônio: Uma análise da praça Tamandaré do município de Rio Grande/RS**. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

LEITE, Rogério Proença; PEIXOTO, Paulo. Políticas urbanas de patrimonialização e contrarevanchismo: o Recife antigo e a zona histórica da Cidade do Porto. **Cadernos Metrôpoles**, 21, pp. 93-104, 2009.

LEITE, Rogério Proença. A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, v. 25, n. 72, pp. 73-88, 2010.

LIMA, Tania Andrade. **De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. Vol. 2, n.1, pp. 87-150. 1994. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47141994000100010>>. Acesso em: 08 de nov. 2018.

_____. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, V. 2(3), pp. 44-96, 1996.

LOBATO, Renata de Oliveira. **Limpar, traçar e embelezar: Rio Grande no início do século XX**, Rio Grande. FURG, 2008.

LUZ, Thaíze Ferreira da. **Espaços públicos no cenário urbano rio-grandino: um estudo de caso do papel social das praças na cidade do Rio Grande**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

MONTEIRO, Antenor de Oliveira. Rebuscos – Coisas e Fatos da Cidade: Praça Tamandaré. **Jornal O Tempo**, Rio Grande, Ano XXXIII, n. 22, 1939.

_____. Os homens do Segundo Vilamento do Rio Grande. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: IHGRS, p. 123-132, 1947.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira de. **Escravos, marinheiros, embarcações e pescadores negros no mundo atlântico de Rio Grande/RS (século XIX)**. 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2009.

_____. **Sobre águas revoltas: cultura política maruja na cidade portuária de Rio Grande/RS (1835-1864)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

OLSEN, Bjornar. et al. **Archaeology: the discipline of things**. Berkeley: University of California Press, 2012.

PAMPLONA, João Batista. Mercado de trabalho, informalidade e comércio ambulante em São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, n. 1, p. 225-49, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade (vida e trabalho – 1880-1920)**. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

PREUCCEL, Robert. **Archaeology and the Limitations of Actor Network Theory**, 2012. Disponível em: <[https://www.academia.edu/10272554/Archaeology and the Limitations of Actor Network Theory](https://www.academia.edu/10272554/Archaeology_and_the_Limitations_of_Actor_Network_Theory)>. Acesso em: 12 nov. 2018.

RIO GRANDE. Câmara Municipal da Cidade do Rio Grande. **Relatórios** consultados dos seguintes anos: 1853, 1854, 1861, 1862, 1876 e 1902.

RIO GRANDE. Câmara Municipal da Cidade do Rio Grande. **ATA Nº. 12/2017**. Disponível em: <http://www.camara.riogrande.rs.gov.br/index.php?n_sistema=3130&id=2699>. Acesso em: out. 2018.

RODRIGUES, Marta Bonow. **'A vida é um jogo para quem tem ancas': uma arqueologia documental sobre mulheres escravas domésticas em Pelotas/RS no século XIX**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 578 p, 2002. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1064>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

SANTOS, André da Rocha. Revitalização para quem? Política urbana e gentrificação no Centro de Santos. **Caderno MetrÓpole**, São Paulo, v. 16, n. 32, p. 587-607, 2014. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2014-3213> >. Acesso em: 25 nov. 2018.

THIESEN, Beatriz Valladão. Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade – Rio Grande (RS). Universidade de Caxias do Sul. **Revista Méteis: História & Cultura**. V. 8, N. 16, 2009.

_____. Antes da poeira baixar: reflexões sobre uma arqueologia do passado recente. **Revista Memorare**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 222-226, 2013. Disponível em: [Mhttp://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/1902/1397](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/1902/1397)>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. **Programa de Salvamento Arqueológico na área de colocação de plataforma de embarque e desembarque de passageiros do Transporte Urbano Municipal de Rio Grande – RS**. Rio Grande, 2014.

_____. et al. Vestígios de uma ausência: uma arqueologia da repressão. **Revista de Arqueologia Pública**, V. 10, p. 231-250, 2014.

_____. **Relatório Parcial das atividades do Programa de Salvamento Arqueológico na área de colocação de plataforma de embarque e desembarque de passageiros do Transporte Urbano Municipal de Rio Grande – RS**. Rio Grande, 2015.

TORRES, Luiz Henrique. **Os leões da Praça Tamandaré: história da Geribanda e do monumento a Bento Gonçalves da Silva**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2016.

TORRES, Rodrigo de Oliveira. **"... e a modernidade veio a bordo": Arqueologia histórica do espaço marítimo oitocentista na cidade do Rio Grande/RS**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

TRAMASOLI, Felipe Benites. "Haja hoje p/ tanto ontem": apontamentos sobre a arqueologia e o contemporâneo. **Revista de Arqueologia**. V. 30, N° 1, p. 186-209, 2017.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: Um antropólogo na cidade. Ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2013.

WITMORE, Christopher. Vision, Media, Noise and the Percolation of Time: Symmetrical Approaches to the Mediation of the Material World. **Journal of Material Culture**, p. 267– 92, 2006.

ANEXOS

ANEXO A – ATA DA 12ª AUDIÊNCIA PÚBLICA - MELHOR UTILIZAÇÃO DA PRAÇA TAMANDARÉ

Quinta-feira, 14 de dezembro de 2017

12ª Audiência Pública - Melhor utilização da Praça Tamandaré

ATA Nº. 012/2017

Aos quatorze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezessete, na Cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, no prédio da Câmara Municipal do Rio Grande, situada na Rua Vitorino N.º 441, realizou-se a **Décima Segunda Audiência Pública**, da Décima Sétima Legislatura, a fim de tratar sobre **“Melhor Utilização da Praça Tamandaré”**. Às dezessete horas o cerimonialista deu início a abertura da sessão informando que a mesma foi requerida pelo vereador Rafa Ceroni – PPS e solicitou a todos para que desligassem os celulares ou mantivessem os mesmos no modo silencioso. Após anunciou o nome do Vereador Ivair Domingos Pereira Souza – Vavá para compor a mesa presidindo a presente sessão. Em seguida anunciou os demais participantes da mesa: Secretário de Controle de Serviços Urbanos -Dirceu Lopes – Representando o Executivo Municipal, Capitão de Corveta Jaira Ruas – Representando Comando do 5º Distrito Naval, Senhor Luiz Monteiro – Representando o Gabinete de Gestão Integrada da Prefeitura Municipal do Rio Grande, Senhor Geovane Xavier de Sá – Representando a Secretaria de Município do Turismo Esporte e Lazer, Senhora Juliana Soares – Arquiteta do Gabinete de Programas e Projetos Especiais da Prefeitura Municipal de Rio Grande. Dando sequência registrou a presença do Senhor Cleber da Cunha – Representando a ONG Amigos da Natureza, Senhor Alexandre de Castro – Presidente da ONG Laguna Sul Ambiental, Vereador Rafa Ceroni – Proponente da referida audiência, Vereador Edson Lopes, Vereador Rogerio Gomes, Vereadora Professora Denise Marques, Vereador Luciano Gonçalves, Vereadora Laurinha, Vereadora Andrea Dutra Westphal – Tia Déia e Vereador Claudio de Lima, demais entidades de classes, sindicatos, outras representações, amigos da imprensa, Ex-Vereador Galego, senhoras e senhores. Em seguida o cerimonialista procedeu à leitura do Requerimento que deu origem a presente Audiência Pública. Requerimento Nº 324/2017, Protocolado sob o nº 1676/2017 em 24.04.2017 assinado pelo Vereador Rafa Ceroni. Dando continuidade o Vereador Ivair Domingos Pereira Souza - Vavá deu início aos trabalhos da presente audiência pública desejando uma boa tarde a todos e posteriormente passou a palavra para o Vereador Proponente Rafa Ceroni. Iniciou

sua fala agradecendo ao presidente e desejando uma boa tarde a todos os presentes, mencionou que para alguns colegas possa parecer estranho que um político da base do governo venha solicitar uma Audiência Pública, mas que solicitou por serem construtivas e assim dando a oportunidade para que todos possam expressar seus anseios, suas colocações, e tirar as dúvidas em seus questionamentos. Mencionou que a Praça Tamandaré tem sido alvo de questionamentos dentro da Câmara Municipal de Rio Grande referente os banheiros, ao lago e aos animais que viviam na praça. Destacou a importância de encaminhamentos de projetos com melhorias para a praça, para que assim possa se tornar um local de lazer, gastronomia e esporte para a comunidade riograndina. Mencionou algumas propostas sendo elas: Pedalinhos com um custo baixo, pista de patinação, pista de skate entre outros. Encerrou desejando uma boa audiência a todos e que se obtenham muitos encaminhamentos para o crescimento e desenvolvimento da Praça Tamandaré. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Senhor Luiz Monteiro – Representando a GGI. Iniciou sua fala mencionando que a GGI vem auxiliar na parte de revitalização da praça incluindo os ambulantes, sendo assim tentar fazer um local adequado para todos que dependem do local. Encerrou frisando que sempre trabalhará em prol de melhorias para a praça. Logo após o presidente passou a palavra para o Senhor Geovane Xavier de Sá. Iniciou sua fala desejando uma boa tarde a todos, mencionou estar aberto a propostas e discuti-las para que assim se chegue a um acordo. Encerrou agradecendo. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Capitão de Corveta Jaira Ruas. Iniciou sua fala desejando uma boa tarde, mencionou que a Marinha está a disposição para trabalhar em conjunto em prol da praça que leva o nome de um membro tão importante para a Marinha Brasileira. Citou uma proposta de criação de uma feira de artesanato, pois em Rio Grande no sábado e domingo acabam perdendo turistas no centro da cidade. Dando sequência o presidente passou a palavra para o Secretário Dirceu Lopes. Iniciou sua fala saudando o presidente da audiência o Vereador Vavá e aos demais presentes, posteriormente descreveu a respeito dos projetos relacionados à praça pronunciando as seguintes palavras: *“Temos um resgate histórico e um desafio de uma dívida, não é de agora, é uma dívida que vem se perpetuando no tempo com a Praça Tamandaré, e há uma definição por parte do Governo Municipal do Prefeito Alexandre e do Vice Renatinho de nós buscarmos soluções para colocar novamente a praça a serviço da comunidade, ela tem que ser um espaço de convivência, um espaço de lazer, um espaço em que a comunidade se sinta segura, que a comunidade possa usufruir da praça como um bem que ela representa hoje, que é um campo ambiental, que é no campo das relações sociais, que é no campo lazer ou do próprio turismo, e na realidade a Praça Tamandaré todos nós sabemos aqui, ela além da sua vocação, ela não é uma simples praça, pois hoje ela é uma das responsáveis por toda a amortização das águas fluviais daqui do centro da*

cidade e portanto ela deve ser cuidada por diversos aspectos, o lago ele não pode ser olhado como apenas um algo, pois ele é uma bacia de amortização e portanto ele deve ser cuidado como um dreno para toda esta região central aqui da cidade, com esses cuidados nós o município começamos a elaborar um projeto de início, meio e fim para a Praça Tamandaré, mas não quer dizer que ele precisa ser instaurado todo no mesmo momento, mas ele precisa começar e por isso que nós fizemos questão de vir aqui e apresentar nesta Audiência Pública para os vereadores e vereadoras o projeto arquitetônico da Praça Tamandaré que pode sofrer sim sugestões, pode ser incorporado sugestões para seu aperfeiçoamento, nós estamos trabalhando pra isso e claro que nós estamos fazendo algumas ações que são necessárias para que nós possamos dar funcionalidade a Praça Tamandaré e muitas das coisas que foram levantadas aqui não tenho dúvidas que precisam ser encaradas com a maior rapidez possível, mas quem já foi ou participou do poder executivo sabe que muitas das vezes não é como a gente quer e deseja, o rito processual é um rito que muitas vezes requer tempo de maturação, então por exemplo, nós estamos há muito tempo esvaziando o lago, tirando o lodo, tirando os animais, chove e volta o lodo de novo e nós resolvemos agora fazer quatro filtros com supervisão técnica da coordenação e planejamento e dos engenheiros, quatro filtros de entradas das águas fluviais para o lago da Praça Tamandaré, pois na realidade não são apenas águas, têm ligações clandestinas, tem lodo, tem esgoto de que é tipo e classe para que são drenados para aquele local, então nós neste momento nós estamos fazendo a primeira etapa, eu diria que é a limpeza e vamos fazer todo o concerto do piso do lago, vamos colocar sete centímetros em toda a extensão do lago de concreto, impermeabilizado com as quatro caixas de filtragem para a entrada e ai sim ter a entrada só de água, pois nós permitimos que entre tudo, mas estava tudo certo para sair a dois meses atrás só que ao fazer a licitação o preço de mercado veio cinco vezes mais e não tem como permitir uma coisa dessas, dai nós refizemos de novo e agora veio o preço de mercado, um preço aceitável para que nós possamos fazer este trabalho que é de fundamental importância para aquele eco sistema e na realidade é isso, nós estamos falando de um eco sistema, estamos falando em uma bacia que toda essa água sai lá pela Luiz Lorea e vai embora para a Lagoa dos Patos, então, portanto é preciso fazer estes concertos para que nós depois possamos pensar se nós vamos colocar de volta como são os peixes, quais serão os usos da praça, pois o uso da praça está em discussão e nós vamos ver agora a proposta que a Coordenação e Planejamento fez e vamos ver os múltiplos usos e portanto ela vai otimizar esta praça, ela vai fazer com que a população possa se apropriar desta praça e fazer dela o seu espaço de convivência e de lazer, isso eu posso garantir e nós podemos ajudar, primeiro com as sugestões, mas também indo atrás do recurso necessário para fazer este empreendimento através das emendas parlamentares, nós somos um dos poucos municípios do Brasil que não usa muito este

expediente das emendas parlamentares, os caras vem aqui pegam os votos e nós temos que ir lá e exigir que esses recursos venham somar aquilo que nós queremos e a praça é uma delas que está precisando, então nós vamos apresentar, a Arquiteta Juliana vai apresentar a proposta e eu vou arrematar no final para podermos abrir a discussão neste processo, lembrando logicamente que todas as sugestões que vocês apresentarem nós faremos a devida discussão no executivo e poderemos fazer uma próxima reunião para fechar o processo como um todo, tem algumas questões que o projeto não toca, porque são inerentes ao trabalho que tem que ser feito agora, tem outros que mudam substancialmente o que está acontecendo na praça hoje, nós temos uma riqueza de detalhes da praça muito grande, ela precisa ser valorizada o processo de construção pelos arquitetos ele obedeceu uma questão histórica da praça, ele obedeceu o motivo de seu nascedouro, ele levou em conta o histórico e a historia que a praça foi construída e tem muitos protagonistas que usam esse espaço e, portanto nós temos que discutir sim como ele vai ser melhor aproveitado, a ideia é que a gente comesse e não pare. Nós vamos começar agora o processo do lago que vai nos levar algum tempo, pois ele precisa de todo o concerto, toda a base de sua extensão, vai necessitar da construção das caixas de filtragem e vai necessitar das caixas de concretagem de toda aquela área física do lago, nós vamos aproveitar agora que é verão e as chuvas diminuem e nos ajudam a fazer este trabalho com uma maior rapidez, todos aqui sabem que depois que começar a colocar o concreto não se pode parar então a ideia é de começar pelo lago e vamos indo pouco a pouco de acordo com a entrega dos processos e são onze se não me falhe a memoria que se interligam entre si no paisagismo e na construção geral na infraestrutura da praça e, portanto são onze processos que serão alocados ao longo deste tempo para que nós possamos entregar a praça em condições para todos nós, não só para o turismo mas para a cidade e que ela volte a ser realmente o pulmão e a nossa área especial de eventos como foi um tempo atrás e que muitos de nós que usufruíram deste espaço lembrem-se bem, então a Juliana vai apresentar”. Logo após o presidente registrou a presença do Vereador Spotorno. Posteriormente o presidente passou a palavra para senhora Juliana Soares. Iniciou sua fala da seguinte maneira: “Boa tarde, esse projeto foi desenvolvido por mim e pelo corpo técnico da coordenadoria de projetos em dois mil e dezesseis, nosso ponto de partida foi identificar os pontos fortes da praça para a partir daí desenvolver da melhor maneira possível atendendo a atual demanda da praça, atualmente então nós nos prendemos ao caráter histórico, a possibilidade de contato com a natureza e a centralidade da praça, além disso nós identificamos com os levantamentos as três principais atividades realizadas na praça que seria a circulação, atividades de lazer e o transporte publico e aqui uma breve introdução da historia da praça, mas eu vou tentar ser mais breve. Além da identificação dos pontos fortes e das atividades desenvolvidas, também foi necessário

identificar as problemáticas encontradas e para poder desenvolver a partir daí as soluções. Aqui eu tenho e fiz uma representação de como a gente identificou em azul o lago e em cinza os caminhos existentes, sendo as principais problemáticas as zonas de insegurança, utilização inadequada do espaço público, ausência de espaço de permanência e lazer, ausência de acompanhamento técnico nas intervenções que foram feitas ao longo dos anos, intervenções inadequadas na vegetação que ocasiona falta de visibilidade e insegurança, falta de desvalorização de ponto de interesse, falta de hierarquia das vias, ausência de acessibilidade dos caminhos. Então eu vou exemplificar essas problemáticas com algumas imagens, no ponto amarelo seria a ilha onde tem a cruz sendo um local onde tem uma entrada e não tem uma saída, então é um local evitado por gerar insegurança, diversos locais com bambú impedindo a visibilidade, prédios públicos com atividades comerciais desregradas no caso da abrigolândia. Então criar um ambiente não só de passagem, mas também de lazer e cultura, preservando a memória do local e preservando sua essência com estratégias que favoreçam a segurança de todos os cidadãos. Dentre todas essas problemáticas encontradas nós desenvolvemos onze subprojetos, sendo da recuperação do lago, recuperação dos caminhos, do play, criação de academias ao ar livre, recuperação de canteiros, identificar as edificações, recuperação dos monumentos, criação do largo do bonde, circuito de integração, proposta de flores e projetos de infraestrutura geral. Sendo uns dos pontos principais um eixo de entrada naquela parte em vermelho que a pessoa se sinta convidada a entrar no play, aproveitando o lago e aqui uma imagem de como ficaria com todos os brinquedos e o acesso mais ou menos na mesma localização existente, mas incensada com a implantação de arborização com equipamentos de academia ao ar livre e a criação de cercamentos com bancos, locais mais confortáveis para os acompanhantes e para as crianças, recuperação dos banheiros com acessibilidade, um cercamento fechando as laterais do lago dando segurança para as crianças, mas ao mesmo tempo permitindo a visualização do lago, arborização proposta com plantas nativas e frutíferas também, aqui uma imagem do sanitário atual e ele tem um banheiro masculino e feminino, mas pouco qualificado, não tem um espaço adequado, sem as instalações adequadas estão aqui o projeto um box acessível, criação das academias mais ou menos nesses locais, nova delimitação dos canteiros para que fique bem definidos os caminhos, aqui a gente demarcou diversas edificações que achamos inadequadas ou irregulares que seriam um problema para esse projeto da praça e por isso teriam que ser analisadas uma por uma, as instalações de comércio sem padronização, aqui a valorização do busto de Tamandaré que não tem grande valorização para aquele local, que vai ser removido os bambus que ficam no trajeto principal para quem transita pela praça e é isso". Posteriormente o presidente agradeceu pela apresentação do projeto e passou a palavra para a Vereadora Laurinha. Iniciou sua fala sugerindo que fosse passada a palavra

primeiramente à assistência e posteriormente aos vereadores. Logo após o presidente questionou aos demais vereadores sobre a proposta da Vereadora Laurinha e todos não se opuseram. Dando sequência o presidente passou a palavra para a plateia. Iniciou o Senhor Celso Alberto Pires de Souza mencionando que o mais importante na praça é a estátua do Almirante Tamandaré e por isso se deve dar mais valorização, frisou a necessidade de valorização do Coreto, do prédio de ondas, onde se poderia colocar um elevador para a vista completa da cidade e assim ser cobrado, a criação de quiosques com venda de artesanato, dentro da casa já existente na praça um curso junto ao SENAI de gastronomia para que assim se crie pontos com mesas e cadeiras para as pessoas serem servidas. Após agradeceu a oportunidade. Dando sequência o presidente passou a palavra para a senhora Beatriz, Professora da FURG do curso de Arqueologia. Iniciou sua fala mencionando ter tido a oportunidade de trabalhar em pesquisas na Praça Tamandaré e frisou sua preocupação com a praça, pois foi criada no final do século XIX por uma cidade que estava se tornando burguesa, mencionou que antes da praça ser conhecida como é nos dias de hoje ela era frequentada por pessoas excluídas e assim chamada de “Giribanda”. Destacou a importância de se criar um memorial, para mostrar na praça as histórias desses negros e negras para a criação da cidade e cujos vestígios estão enterrados na mesma. Encerrou agradecendo e frisando que Rio Grande não é só uma cidade Portuguesa, e sim de negros que devem ser valorizados. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Senhor Alexandre da ONG Laguna Sul Ambiental. Iniciou sua fala parabenizando ao Vereador Rafa Ceroni e questionou ao Secretário Dirceu Lopes sobre um Sistema de Tratamento feito muito na Europa, sugeriu a reciclagem dos bambus, criação de bicicletas com eles e encerrou agradecendo. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Senhor Eduardo Feijó da Silva. Iniciou sua fala mencionando ser um Técnico em Meio Ambiente e Coordenador Geral da ONG Laguna Sul Ambiental, parabenizou o Vereador Rafa Ceroni e solicitou que fosse recebido um ofício de solicitação da cedência de um espaço neste novo projeto da prefeitura para uma Sede da ONG e encerrou agradecendo a oportunidade. Posteriormente o presidente solicitou para que o Senhor Eduardo efetuasse a entrega do ofício, e logo após passou a palavra para o Senhor Everton Moraes. Iniciou sua fala desejando uma boa tarde a todos mencionou ser responsável pelo jornalismo da Rádio Cassino, parabenizou o Vereador Rafa Ceroni, pois depois de cinquenta e cinco anos a praça voltou a ser discutida e analisada para melhorias. Encerrou destacando que deve se ter projetos para a segurança, para que a população possa se sentir segura e assim prestigiar as melhorias, encerrou agradecendo. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Senhor Marcos Otero. Iniciou sua fala mencionando ser empresário do ramo imobiliário, parabenizou a todos os envolvidos no projeto, pois a praça é o maior patrimônio que a cidade tem, ele é o pulmão do centro da

cidade e se colocou a disposição para ajudar no que for necessário para o projeto. Encerrou agradecendo. Dando sequencia o presidente passou a palavra para o Vereador Luciano Gonçalves. Iniciou sua fala mencionando que a Casa mais uma vez cumpre com seu papel de ouvir a comunidade e as instituições para melhorias em projetos. Destacou que a praça é muito importante para a cidade e para cada pessoa que aqui nasceu e cresceu. Frisou a importância em priorizar a segurança na praça para que a população não se sinta intimidada e assim possa usufruir das melhorias. Ressaltou o trabalho efetuado pelo legislativo municipal através da representação do projeto, pois se teve uma visão técnica. Encerrou sua fala mencionando a Praça Xavier que também sofreu alguns reparos e hoje é bem utilizada. Posteriormente o presidente passou a palavra para a Vereadora Tia Déia. Iniciou sua fala parabenizando ao Vereador Rafa Ceroni, destacou que a praça é a maior do interior no Estado do Rio Grande do Sul. Questionou sobre a data de inicio do projeto e de onde seriam captadas as águas para os lagos, e sobre as estatuas que hoje fazem parte da praça. Encerrou sua fala agradecendo. Logo após o presidente passou a palavra para o Vereador Rogerio. Iniciou sua fala desejando uma boa tarde a todos e agradeceu ao Vereador Rafa pela oportunidade. Mencionou sobre a possibilidade de instalar aerenatórias para que se possa circular as águas e assim acabar com os odores ruins que exalam dos lagos e sobre a instalação de núcleos de captação de abelhas, pois por varias vezes os bombeiros são chamados por haver muitos enxames espalhados pela praça. Encerrou se colocando a disposição do secretario para falar com os apicultores para que assim possa levar um projeto de captação. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Vereador Júlio Cesar. Iniciou sua fala cumprimentando ao Vereador Rafa Ceroni, pois a praça é muito importante para a Cidade de Rio Grande. Mencionou ter encaminhado para o prefeito uma sugestão de criação de um novo centro de comercio informal para que assim os imigrantes que hoje trabalham na praça possam ter um espaço fixo para desenvolvimento de suas atividades. Encerrou agradecendo a todos. Logo após o presidente passou a palavra para Vereadora Denise Marques. Iniciou sua fala cumprimentando a todos os presentes, mencionou a necessidade de estudos para a criação de espaços de convivência para melhor aproveitamento da praça, parabenizou a secretaria pelo estudo efetuado e sugeriu para que haja um dialogo com as pessoas que hoje ocupam aquele espaço. Encerrou destacando que a praça é de todos e que deve ser ocupada com respeito e dialogo. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Vereador Edson Lopes. Iniciou sua fala desejando uma boa tarde a todos, parabenizou ao prefeito e ao secretário por terem aceitado esse desafio de apresentar o projeto. Relatou ter sido secretario por determinação do prefeito e que não foi de vontade dele a implantação das plataformas em torno da Praça Tamandaré com o custo de dois milhões. Encerrou se colocando a disposição do secretário e agradeceu a todos. Dando sequencia o presidente

passou a palavra para o Vereador Claudio de Lima. Cumprimentou a todos, parabenizou ao Vereador Rafa Ceroni. Mencionou que a praça hoje é muito vulnerável e efetuou um questionamento referente à guarda municipal em ter um local para poder efetuar rondas para garantir a segurança da praça. Encerrou parabenizando a secretaria e questionando sobre os recursos que serão gastos para essas reformas. Posteriormente o presidente passou a palavra para a Vereadora Laurinha. Iniciou sua fala agradecendo ao Vereador Rafa Ceroni pela oportunidade. Mencionou que a praça hoje em dia não demonstra a grandeza da população. Frisou que a praça não é um local de cativeiro de animais e nem de descarte de animais. Encerrou reafirmando a necessidade de segurança ao redor e no meio da praça e se colocou a disposição para o crescimento do projeto. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Vereador Rafa Ceroni. Iniciou sua fala agradecendo a presença de todos, solicitou que ao redor da praça fossem efetuadas demarcações de distancia no chão, para pessoas que gostam de caminhar e correr, a implantação de um palco para trazer cultura e musica para dentro da praça. Neste momento o vereador cedeu a palavra para o Senhor Eduardo fazer um encaminhamento de uma sugestão de que a prefeitura promovesse um grupo entre o Poder Legislativo, Poder Executivo, Iniciativa Privada, ONG'S e a sociedade, para que em conjunto pudessem promover os ajustes para adequação e execução desse projeto. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Vereador Filipe Branco. Iniciou sua fala parabenizando ao Vereador Rafa Ceroni, questionou se a prefeitura tem algum orçamento próprio ou se irão buscar recursos através de emendas. Posteriormente o presidente passou a palavra para o Senhor Luiz Monteiro do GGI. Iniciou sua fala afirmando que irá encaminhar para o subintendente a respeito de os ambulantes, na criação de um novo espaço, porque já está sendo analisado e a organização dos brechós. Dando sequencia o presidente passou a palavra para o Senhor Geovani. Iniciou sua fala agradecendo as colocações e respondeu aos questionamentos sobre o ônibus turístico, pois já está sendo realizado um projeto para ao lado da CCMAR, mencionou um processo em conjunto com a CDL para o turismo na cidade e encerrou agradecendo a todos. Posteriormente o presidente efetuou um questionamento ao secretario sobre a permanência das pessoas que utilizam as bancadas de damas no interior da praça e sobre os quiosques de ervas que também fazem parte da cultura da cidade. Em seguida o presidente passou a palavra para o secretario Dirceu Lopes. Iniciou sua fala respondendo os questionamentos "Todo mundo quer a Praça Tamandaré, um pedaço da praça, tanto quem faz comercio, quem usa para diversos processos de educação, de lazer, pois ela é sem duvida nenhuma a nossa sala da casa, então quero dizer para todos vocês que esse trabalho é um trabalho de multi secretarias e todas as secretarias estão envolvidas, algumas com os serviços da infraestrutura e outras pensando nos espaços da praça e eu não vou entrar aqui agora na questão de poder ou não poder

fazer um plano diretor da praça, pois o tamanho dessa praça e o uso dela foram vocês que colocaram aqui, não fui eu quem coloquei, ela precisa ter um plano diretor de uso e ocupação do solo e o que não dá é para nós fazermos uma apropriação ou dividir em lotes a Praça Tamandaré, nós precisamos tê-la para que no exato modo que uma praça deve corresponder, então nós precisamos fazer esse plano diretor para discutir e ouvir as opiniões, pois a praça tem que ter vida, sendo assim os jogadores de dama vão ficar sim. Segurança se garante com pessoas se apropriando do espaço público e quando as pessoas tem medo do espaço público outros vão lá e se apropriam dele para delinquir, e quando as pessoas tomam pra si o espaço fica muito mais fácil fazer segurança pública então o que nós queremos é isso, que a praça seja um encontro de vida para a população e todo o processo de construção do projeto, levou sim em conta a história da praça para construir o que nós estamos tentando como também foi levado em conta o processo ambiental da Secretaria do Meio Ambiente, nós estamos fazendo isso para que possamos dar a resposta que todos nós queremos da praça viva. Então vamos fazer assim, algumas coisas que foram colocadas aqui, por exemplo, os recursos, hoje eles estão por volta mais ou menos de sete milhões de reais com diversos recursos, hoje nós estamos colocando recurso do fundo de gestão compartilhada para o conserto e a colocação de implementos no lago, então o recurso hoje do lago que é por volta de setecentos mil reais ele veio do fundo de gestão compartilhada, nós vamos ter a valorização histórica, questão do trabalho multidisciplinar e tem coisas que estão acontecendo, mas nós não estamos aqui para relatar, a Juliana com certeza teria outras coisas para relatar, mas ela fez uma opção de mostrar uma parte do projeto, e nós podemos mostrar todo o projeto na íntegra para todo mundo conhecer o que tem e eu vejo, Otero, com muito bons olhos essa tua disponibilidade e todos nós ganhamos com isso e, na realidade, não é um custo e sim um investimento na cidade e quando se investe na cidade quem tem visão estratégica não tem dúvida nenhuma que ganha com isso, então nós vamos sim conversar e conversar muito e nós temos já diversos outros encaminhamentos, nesse sentido e o importante daqui um pouco é reuni-los e transformar isso em um encaminhamento coletivo em que um pouco de cada um soma muito nesse processo, virá de compensações das mais diversas, de empreendimentos que estão se colocando em Rio Grande, e cada secretaria com seus fundos e de emendas parlamentares irão somar a Cidade que menos pega recursos Federal na área de emendas. Nós vamos continuar fazendo os trabalhos vamos continuar com o lago, vamos para o parque, vamos para a pista de caminhada, pois são projetos que estão prontos e vamos continuar trabalhando no sentido de continuar avançando para conclusão da praça e a questão dos monumentos e de todos os espaços serão revitalizados e recuperados, porque tem locais que ninguém entra com medo e vamos aproveitar tudo que pudermos. Então é isso quanto se ocupa mais se busca e vai ter gente

ali, eu quero vir aqui falar de lixo, porque já me chamaram de hipócrita, pois em uma entrevista eu disse que queria ter a cidade mais limpa e se isso for hipocrisia eu sou então, pois eu quero transformar essa cidade na mais limpa. Nós vamos começar o lago semana que vem quando entregar o primeiro lote do concreto e partir daí nós não vamos parar, nós vamos ir fazendo dentro das dificuldades que temos hoje, mas nós vamos saudar essa dívida com a comunidade riograndina”. Posteriormente o presidente agradeceu a todos os que estavam presentes e encerrou a audiência. E eu, por determinação digitei a presente Ata, que depois de registrada no programa, será lida e assinada pelo Senhor Presidente.

Vereador Ivair Domingos Pereira Souza - Vavá

Presidente em Exercício

Fonte: Site da Câmara Municipal do Rio Grande. Disponível em: <http://www.camara.riogrande.rs.gov.br/index.php?n_sistema=3130&id=2699>. Acesso em: out. 2018.


ANEXO B – TRÊS NOTÍCIAS DO JORNAL RIO GRANDE EXTRAÍDAS DE LUZ (2011, p. 118)

O mini-zoológico da praça Tamandaré está ficando desprovido, restando, em realidade, apenas os macaquinhos para divertirem crianças e adultos com as suas proezas. Em matéria de aves sumiram as que poderiam aguçar a curiosidade, por raras e exóticas. Ficaram as caturritas e uma que outras das que atravessam qualquer estrada do município ou voam sobre as cabeças de toda a gente logo ali adiante (JORNAL RIO GRANDE, 19/04/1986 ANO LXXIII N.º 89 P. 3 – CORUJANDO).

O passeio da praça Tamandaré está mais deplorável estado e quando chove é que se nota a infinidade de afundamentos em que a água empoça, e dificulta o trânsito. A situação não é muito diferente no calçadão da rua General Bacelar (JORNAL RIO GRANDE, 31/05/1986 ANO LXXIII N.º 123 P. 3 – CORUJANDO).

O que falta de luminárias na praça Tamandaré não tem precedente. Sejam os postes aproveitados de antigos combustores de gás, sejam os novos que não passam de canos de polegada, inúmeros entre eles carecem das luminárias e, naturalmente, das lâmpadas. Assim, a iluminação da praça Tamandaré está cada vez pior, e o aspecto de abandono ressalta aos habitantes da cidade e certamente, mais ainda para os visitantes. Uma lástima! (JORNAL RIO GRANDE, 06/06/1986 ANO LXXIII N.º 127 P. 3 – CORUJANDO).

ANEXO C – QUESTIONÁRIO APLICADO PELA SECRETARIA DE MUNICÍPIO DO MEIO AMBIENTE NA PRAÇA EM ABRIL DE 2017




Prefeitura Municipal
do **RIO GRANDE**
Aqui tem Governo Popular

Estado do Rio Grande do Sul

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

SECRETARIA DE MUNICÍPIO DO MEIO AMBIENTE



**Rio Grande
COMVIDA**

I-Perfil do Entrevistado

1. Qual gênero você se identifica?

2. Faixa etária
() até 20 anos () entre 21 a 40 anos () entre 41 a 60 anos () mais de 61 anos
3. Escolaridade
() ensino fundamental () ensino médio () ensino superior () sem formação
4. Atividade
() estudante () aposentado () Profissional liberal () contratado () funcionário público

II- Opinião do entrevistado

5. Como você faz uso da Praça Tamandaré?
() para descanso e lazer () para mobilidade () para esperar transporte urbano
() todas as respostas anteriores
6. Na sua opinião, qual é a importância da vegetação nesta Praça?
() conservação da natureza () abrigo para fauna () bem estar/menos stress
() melhoria do conforto térmico
7. Como você classificaria arborização da Praça Tamandaré?
() pouco arborizada () suficientemente arborizada () excessivamente arborizada
8. O que te chama mais atenção nesta praça?
() lagos () pontes () árvores () monumentos históricos () todas as respostas anteriores

9. Em sua opinião, como está a segurança na Praça Tamandaré?
() suficiente () insuficiente () razoável
10. O que você acha que poderia ser feito para melhorar a segurança na Praça?

11. Qual a sua opinião sobre as condições dos bancos da Praça?

12. Qual a sua opinião sobre utilização do espaço da Praça para comércio autônomo?
() concordo () discordo, porque? _____
13. O que você espera de melhorias para a revitalização da Praça Tamandaré?

Doe órgãos, doe sangue: Salve vidas!